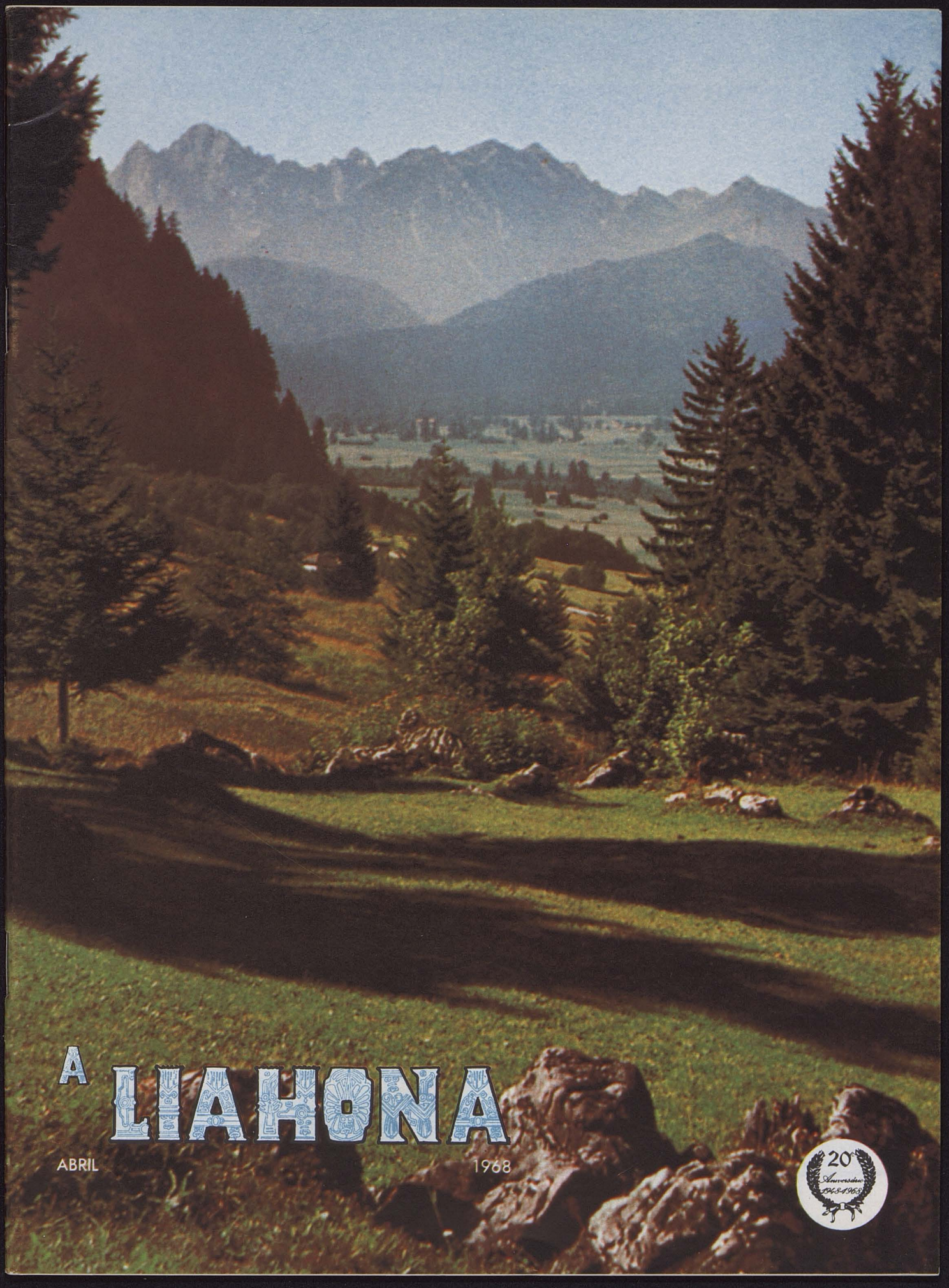
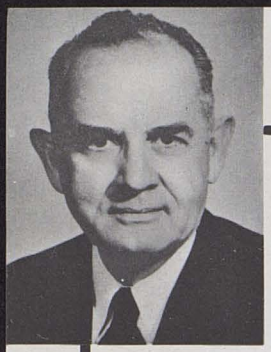


# A LIAHONA

ABRIL 1968

20° Aniversario 1948-1968



**Mensagem de**

Spencer W. Kimball

membro do Conselho dos Doze

Obviamente, o povo dêste mundo necessita mais do que nunca de revelação de Deus. Quão absurdo é pensar que o Senhor concederia a um pequeno punhado de habitantes da Palestina sua preciosa orientação através de revelação e que agora, nesta nossa hora aflitiva, fecharia os céus, como prometeu fazer aos filhos de Israel se não vivessem seus mandamentos. O Senhor disse:

"Porque quebrantará a soberba da vossa fôrça; e farei que os vossos céus sejam como ferro e a vossa terra como bronze..." (Lev. 26:19.)

Se a Bíblia viesse a ser o "fim dos profetas", isto seria devido à incredulidade; e por esta razão os céus estiveram por vêzes fechados, tornando-se como ferro e a terra como bronze.

O Senhor não imporá ao povo que o aceite; se não crerem, não receberão visitação. Se se contentarem com suas próprias interpretações e cálculos limitados, então, certamente, o Senhor os entregará ao tudo que escolheram.

Já que temos absoluta certeza de que Deus existe e é o mesmo ontem, hoje e sempre, podemos avaliar a fidelidade e espiritualidade do povo pelo grau e plenitude das comunicações entre êle e Deus.

## Neste Número


| | |
|---|---|
| **Mensagem de Inspiração.** Spencer W. Kimball | 2 |
| **Cristo Ressuscitou.** David O. McKay | 3 |
| **A Ressureição.** Sterling W. Sill | 5 |
| **Dentro do Coração.** Ida M. Barkan | 8 |
| **O Bispado Presidente Fala Sôbre Metas** | 12 |
| **A Família e a Ressurreição.** Roy W. Doxey | 14 |
| **Seção das Crianças.** | 17 |
| **A Festa da Páscoa.** Helen Blake Smith | 21 |
| **Um Doce Fascínio.** Ivan J. Barrett | 24 |
| **"... E Assim Foi Organizada a AMM..."** | 27 |
| **Os Prisioneiros Serão Libertados.** Genealogia | 29 |
| **A Partir de Cumorah - XXIII.** Hugh Nibley | 31 |
| **Missionários Sul-Americanos na Itália.** Notícia | 33 |
| **Salvação a Despeito de Obras.** Lloyd R. Hicken | 34 |
| **Prodígios em Israel.** F. Máximo | 35 |
| **Nascer ou Ressuscitar.** Richard L. Evans | 36 |


**Capa**

Numa fotografia de Konrad Bauer, uma formosa paisagem em Ulm, Alemanha.


Vol. 21 - Abril de 1968 - Número 4

# A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

**Editor**
Hélio da Rocha Camargo
**Redator**
F. Máximo

**Centro Editorial Brasileiro**
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675

**Estaca São Paulo**
R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP

**Missão Brasileira**
R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo, SP, CP 862, Tel. 80-4638

**Missão Brasileira do Sul**
R. Gen. Carneiro, 490, Curitiba, Pr.
CP 778, Tel. 4-8016

**Missão de Construção**
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Fotolitos: Lastri S/A, R. da Independência, 362/382. Impresso nas oficinas da **Litográfica Comercial.**

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine"

*Subscrições:* Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: *Departamento de Assinaturas*, Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr$ 5,00; para o Exterior, simples: US$ 3,00; para o Exterior, via aérea: US$ 7,00. Preço do Exemplar avulso em nossa Agência: NCr$ 0,50; exemplar atrasado NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

**Importante**
Tôda a correspondência deve ser endereçada a
**CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO**
Caixa Postal 19079, São Paulo, SP

# Cristo Ressuscitou



**Presidente David O. McKay**

Ninguém pode aceitar a ressurreição — o fato memorável celebrado na Páscoa — e ser coerente nessa crença, sem aceitar também a existência de um Deus pessoal. Mediante a ressurreição Cristo conquistou a morte. A crença na sua ressurreição implica também em crença na imortalidade do homem. Jesus atravessou tôdas as experiências terrenas exatamente como você e eu. Conheceu a felicidade; experimentou a dor. Rejubilou-se com os outros sofreu com êles. Conheceu a amizade. Teve uma morte igual à de todos os outros mortais. E da mesma forma com que seu espírito viveu, após o que chamamos morte, também viverão o seu espírito e o meu.

É um tesouro além da compreensão poder dizer: "eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sôbre a terra." (Jó 19:25.)

Aquêle que pode assim testificar sôbre o Redentor vivo alicerça sua alma na verdade eterna.

Uma das mais gloriosas mensagens transmitidas por Cristo, nosso Redentor, é a de que o espírito do homem atravessa triunfante as portas da morte para a vida eterna. Nossa carreira terrena não é para Êle mais que um dia e seu término apenas o pôr do sol da vida. A morte — um simples sono — é seguida por um

## "Não há razão para temer-se a morte, pois não é senão um incidente na vida."

glorioso despertar no reino eterno. Enquanto Maria e Marta viam seu irmão na tumba escura e silenciosa, Cristo o via ainda como um ser vivente. E expressou isto em duas palavras: "Lázaro dorme."

Se todos os que participassem das comemorações da Páscoa tivessem certeza de que o Cristo crucificado realmente se levantou da tumba no terceiro dia — que após ter-se juntado a outros no mundo espiritual seu espírito reanimou novamente o corpo trespassado e, depois de viver ainda pelo espaço de quarenta dias entre os homens, subiu como alma glorificada a seu pai — que paz benigna adviria a almas agora perturbadas pela dúvida e incerteza!

Conquanto seja verdade que o conceito da imortalidade individual não depende da realidade da ressurreição de Jesus, o reconhecimento do fato de que Êle se levantou do túmulo e comunicou-se com seus discípulos representa, de muitas formas, um firme apoio àquela esperança.

Não há motivo para se temer a morte: ela não passa de um incidente na vida. É tão natural quanto o nascimento. Por que haveríamos de receá-la? Alguns têm mêdo porque a consideram como o fim da existência, e a vida é muitas vêzes a coisa mais cara que possuímos. A vida eterna é a maior bênção do indivíduo.

Se o homem "executasse a vontade de Deus", ao invés de contemplar em desamparo a tumba escura e sombria, voltaria os olhos para os céus e saberia que "Cristo ressuscitou!"

Jesus veio redimir o mundo do pecado. Trouxe no coração amor pela humanidade, redenção e possibilidade de regeneração para todos. Adotando-o como nosso ideal, criamos desejo de ser como Êle, de ter sua amizade. Enxergamos a vida como deveria ser e como poderá ser.

Pedro, o principal apóstolo, o infatigável Paulo, o Profeta Joseph Smith e outros verdadeiros seguidores do Senhor ressuscitado reconhecem nêle o Salvador, pois êle disse: "...esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem" (Moisés 1:39) — e não sacrificar o indivíduo para a perpetuação de um estado socialista ou comunista.

Os membros da Igreja de Cristo estão obrigados a fazer do Filho do Homem, sem pecado, seu ideal. Êle é o único ser perfeito que jamais habitou sôbre a terra, o exemplo mais sublime de nobreza, de natureza divina, perfeito em seu amor, nosso Redentor, nosso Salvador, o Filho imaculado de nosso Pai Eterno, a Luz da vida, o Caminho.

Com tôda a alma eu declaro que a morte foi sobrepujada por Cristo.

E porque nosso Redentor vive, viveremos também!

# A Ressurreição

**Élder Sterling W. Sill**

Assistente do Conselho dos Doze



O maior de todos os conceitos humanos envolve a imortalidade da personalidade e glória eterna da alma humana. Deus, que é o autor da vida, é também criador de um programa divino para nosso progresso e felicidade eterna. E o programa sòmente não se realiza em tôdas as suas possibilidades quando deixamos de cumprir nossa parte em sua execução. O fato de não o compreendermos em todos os detalhes não nos deveria impedir de ser fiéis e obedientes, já que ninguém conhece realmente muita coisa a respeito de nada. Não compreendemos nosso próprio nascimento, vida ou morte. Alguns dizem que não crêem no que não entendem, mas esta filosofia limita de tal forma nossa lista de crenças que torna-se impossível obter qualquer sucesso significativo.

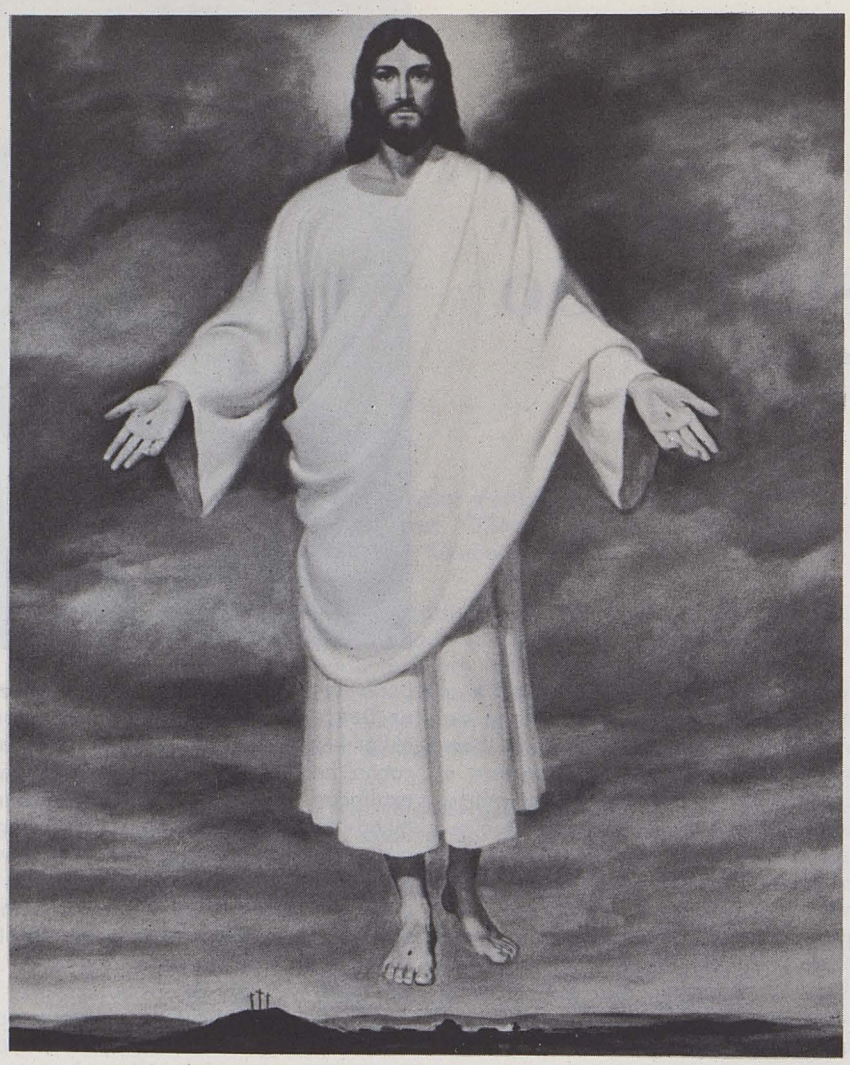
Um dos pronunciamentos mais profundos de Jesus foi: "Tôdas as coisas são possíveis àquele que crê." Se uma pessoa crê nas leis de saúde e nutrição, pode atrair a si grandes bênçãos, apesar de não conhecer tudo o que o processo envolve. É possível usufruir os benefícios da luz, fôrça e calor sem compreender grande coisa de eletricidade.

Honramos Isaac Newton por descobrir a lei da gravidade e, no entanto, a gravidade em si não foi ainda descoberta. Conhecemos meramente, alguns fenômenos que ela opera. Ninguém compreende completamente a eletricidade, o brilho do sol ou como cresce a grama. Não sabemos como funciona nossa mente, nem como se reproduzem as células do corpo. Até a época de Harvey, a cêrca de 300 anos atrás, ainda não se havia descoberto a circulação sangüínea. Mesmo agora, o mais sábio dos cientistas, operando no laboratório melhor equipado, jamais se aproximou da criação de um glóbulo vermelho ou de uma semente que crescesse. Ninguém pode criar a vida ou impedir a morte. A mais preciosa utilidade da existência é a vida, e nela um dos mais importantes é a morte.

A morte é o portal da imortalidade. Certamente, não pode ser um acidente ou um êrro. Faz parte do programa de Deus que o espírito e o corpo sejam separados temporàriamente, como um prelúdio para a purificação e educação final do espírito, antes da ressurreição do corpo e exaltação da alma. Como consideramos a morte e algumas coisas relacionadas a ela desagradáveis, recusamonos muitas vêzes a conceder-lhe a devida atenção. E apenas quando pensamos no assunto de maneira adequada podemos preparar-nos efetivamente para ela. A morte não deixa de existir apenas por ser ignorada. É possível alcançar-se grandes benefícios tendo uma crença efetiva em tôdas as leis de Deus, inclusive na ressurreição do corpo. E não podemos por certo retardar essa crença até compreender plenamente o processo de sua operação. O instrumento mais efetivo de todo o nosso sucesso é ter fé em nosso eterno Pai Celestial.

Não há dúvida de que a maioria de nós subestima sèriamente a Deus Muitas pessoas descrêem dêle, outras quase descrêem, porque o imaginam como uma influência misteriosa, incompreensível e impessoal que não podem conceber. Pensem quanto nos ajudaria se concebessemos a Deus como as Escrituras o descrevem. Elas o aclamam como uma pessoa onisapiente, oniciente, onipotente, a cuja imagem fomos criados. É o Pai liberal dos nossos espíritos e Jesus Cristo é o seu filho gerado na carne. Deus é criador de mundos sem número, cada um com suas leis, maravilhas, ordem e beleza. E não é apenas o Pai dos espíritos, mas tem em grande conta nossos interêsses. Ao criar seu programa eterno para nós, não limitou os benefícios às pequenas coisas que como mortais ignorantes e muitas vêzes desobedientes podemos compreender ou fazer jus.

Com tôda a sabedoria de que se jacta a humanidade, provàvelmente não conhecemos uma milionésima parte do que Deus quer, nem entendemos uma pequena parcela das bênçãos que tem reservadas para nós. Paulo disse: "... As coisas que o ôlho não viu, e o ouvido não ouviu,



e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam." (I Cor. 2:9). Com tôdas as nossas enfermidades e fraquezas, por que duvidaríamos dêle? Ou por que haveríamos de descrer de Deus ou ignorá-lo? Pois nada faz que seja prejudicial, caprichoso ou temporário. A escritura ressalta que "o que quer que Deus faça permanecerá para sempre." E no entanto, a despeito de sua palavra e de nossa própria razão, por vêzes imaginamos que uma curta e tormentosa mortalidade seja tudo o que a vida encerra. Conseqüentemente, vivemos em conformidade com êsse conceito e assim fazemos muito pouco para promover a obra que nosso magnífico Pai eterno concebeu para os filhos que ama.

Alguns simplesmente não pensam na vida eterna, seja de uma ou de outra forma. Outros imaginam que seremos privados eternamente dessas extraordinárias criações a que denominamos corpo, personalidade, emoções e memória. Outros ainda pensam que nos tornaremos como um punhado de gotículas, imergindo num oceano comum onde se perderá tôda a identidade individual. "Afinal, em que tipo de obra supomos que Deus esteja empenhado?", disse alguém. "Como podemos acreditar que Êle daria existência a almas humanas, concedendo-lhes mente para pensar, corações para amar e mãos para trabalhar, permitindo depois que o tempo a tudo destruísse como se se tratasse de coisas sem valor?" Tal conceito é inaceitável e completamente indigno de um ser tão extraordinário como nosso eterno Pai Celestial.

Queremos que as crianças, inexperientes e sem compreensão, aceitem o conselho de seus pais, mais sábios e vividos. Se um garôto de cinco anos insiste em fazer o que bem entende, prognosticamos que êle se meterá em complicações. Ou, se deixa de ir à escola ou persiste em desobedecer as regras de saúde, podemos predizer-lhe um futuro improfícuo. Suponhamos que com plena confiança em Deus tentássemos compreender da melhor forma êsse conceito extremamente estimulante da ressurreição pessoal do corpo. Pois podemos alcançar tôdas as bênçãos de Deus se desenvolvermos fé suficiente para viver para elas.

Além disso, foi-nos dito que existem vários tipos de ressurreição. Há a ressurreição dos justos e a ressurreição dos injustos e muitos graus de ressurreição. Sôbre êste assunto, Jesus disse: "...porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação." (João 5;28-29.) Todos, tanto bons como maus, res-

suscitarão, "pois assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." Mas, se nos empenharmos devidamente, poderemos aperfeiçoar a qualidade de nossa ressurreição. Escrevendo aos hebreus, o apóstolo Paulo mencionou certos membros que estavam se esforçando para "que pudessem ter uma melhor ressurreição" e num discurso aos Coríntios explicou que alguns seriam ressuscitados com a glória do sol, outros com a glória da lua e alguns com a glória das estrêlas, dizendo então: "...porque uma estrêla difere em glória doutra estrêla. Assim também a ressurreição dos mortos." (I Cor. 15:41-42.)

Numa revelação moderna fomos informados de que se vivermos plenamente a lei do Evangelho poderemos tornar-nos espíritos celestiais, com o poder de ressuscitar corpos celestiais. Talvez achemos que o corpo já é bem extraordinário assim como está, mas Paulo diz: "Semeia-se o corpo em corrupção: ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignominia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará em vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual." Se não conseguimos compreender como isto é possível, procuremos então entender o que Deus já executou, esta grande obra-prima de carne e sangue, ossos e tecidos, inteligência e raciocínio, visão e personalidade. Quando até o débil homem mortal pode executar maravilhas como as que contemplamos diàriamente ao nosso redor, porque haveríamos de impor qualquer limite à habilidade de Deus de executar o que prometeu?

Temos diante de nós o exemplo da ressurreição de Jesus, com multidões de testemunhas mortais. Mas após ela muitos outros foram também ressuscitados. A Escritura diz: "E abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos que dormiam se levantaram, e saíram do túmulo após ressuscitar, e entraram na cidade santa, e apareceram a muitos." A primeira ressurreição principiou mais de dezenove séculos atrás e terminará quando Cristo vier em glória, para reinar sôbre a terra durante o Milênio. Quando vier, os que tiverem vivido de acôrdo com Deus serão arrebatados para encontrá-lo. (I Tess. 4-17.) E João diz: "E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos." Mas "os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquêle que tem parte na primeira ressurreição; sôbre êsses a segunda morte não tem poder; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com êle os mil anos." (Apocalipse 20:5-6.) Os que não merecerem participar da ressurreição dos justos terão de aguardar até a ressurreição dos injustos, que ocorrerá após o Milênio.

Uma das nossas principais dificuldades em crer na ressurreição é provàvelmente não compreendermos a importância do corpo. A despeito de o corpo humano ser o maior milagre de Deus, existem os que aprenderam que êle lhes foi dado como uma espécie de punição. Acreditam que seu propósito é servir de prisão, sendo a morte uma libertação bem-vinda para o espírito. Contudo, se o corpo mortal não fôsse necessário, nunca seria criado. Se êle nada representasse para a eternidade, a ressurreição não teria sido instituída. Se Deus o Pai não precisasse de corpo, o Filho de Deus nunca teria ressuscitado. A ressurreição de Jesus não ocorreu apenas para satisfazer algumas conveniências temporárias. Êle não perdeu êsse corpo após a ressurreição. Não se evaporou, nem se expandiu de alguma forma misteriosa para preencher a imensidade do espaço. Deus não é uma massa incompreensível, sem corpo, personalidade, sentimentos ou forma. A revelação moderna reafirma os ensinamentos da Bíblia de que Deus é nosso Pai Celestial e nós, seus filhos, assemelhamo-nos àquele em cuja imagem fomos criados. Mas tanto o Pai como o Filho reapareceram sôbre a terra nesta dispensação dos últimos dias e nós sabemos que cada um é um ser individual, separado, glorificado. Na moderna escritura há um verso que diz: "O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem: o Filho também: mas o Espírito Santo não possui um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de Espírito. (D. & C. 130:22.)

A despeito de o espírito ser incompleto sòzinho, ainda há os que insistem em privar o próprio Deus de seu corpo. Alguns querem reduzir nosso Pai Celestial a um espírito ou transformá-Lo numa mera influência. Há quem o descreva como um princípio eterno. Agradar-lhe-ia perder seu corpo ou qualquer parte dêle, ou tornar-se uma mera influência ou um princípio eterno? Alguns rejeitam a palavra do Senhor protestando ignorância, mas mesmo assim nos envolvemos em problemas muito sérios. Não parece nos preocupar grande coisa o fato de não compreendermos as vitaminas, a eletricidade ou o brilho do sol. Mesmo assim estamos dispostos a nos esforçar para obter seus benefícios. Pois, se Deus teve a capacidade de criar-nos uma vez, podemos seguramente confiar que Êle tem o poder de cumprir sua promessa de ressuscitar-nos.

Algum tempo atrás disse o dr. Wernher Von Braun: "Muitas pessoas parecem achar que a ciência tornou as idéias religiosas de certa forma antiquadas ou ultrapassadas. Mas" afirmou êle, "acho que a ciência encerra uma verdadeira surprêsa para o cético. Ela nos diz, por exemplo, que nada na natureza, nem mesmo a menor partícula, pode desaparecer sem deixar traço. A natureza ignora a extinção, conhecendo apenas a transformação. Ora, se Deus aplica êsse princípio fundamental à mais minúscula e insignificante parte de seu universo, não é lógico presumir que isto se aplique também à alma humana? Eu acho que sim. E tudo o que a ciência tem ensinado a mim e continua a ensinar fortalece minha crença na continuidade de nossa existência espiritual após a morte. Pois nada jamais desaparece sem deixar traço."

Algum dia, todos nós chegaremos ao tempo e lugar em que êste grande fato se tornará realidade, uma experiência pessoal para nós. Quão gratos seremos então se nos tivermos qualificado para as maiores bênçãos da ressurreição dos justos. William James disse certa vez que "o melhor argumento em favor da vida eterna é a existência de um homem digno dela." Nossa responsabilidade maior é merecer uma ressurreição celestial e Deus cuidará do resto. Naquele dia, puro espírito fluirá em nossas veias. Seremos como Deus e viveremos eternamente a seu lado. Que Deus abençoe nossa vida, para que logremos alcançar êsse propósito, eu rogo em nome de Jesus Cristo. Amém.



# Dentro do Coração

**Ida M. Barkan**

Os olhos de Ana caíram sôbre o envelope esquecido que Márcia deixara sôbre o aparador na véspera. "Um recado da professôra", explicara, isolando-se em seu quarto e em sua solidão. Ana imaginava quando Márcia retomaria a vida normal. Ou será que isso era normal dadas as circunstâncias? Tanto em leituras como em conversa, jamais havia analisado a dor de uma criança em face da morte. Por quanto tempo sofreria sua filha? Ana abriu o envelope e leu:

"Cara sra. Ana Pereira: apreciaria receber sua visita assim que possível — entre as 12:30 e as 13:00 horas ou após as aulas, como lhe convier. Cordialmente, Beatriz de Abreu."

**Assim que possível.** D. Beatriz sabia da morte de Artur e não lhe pediria uma entrevista a menos que fôsse urgente.

Talvez Márcia não estivesse indo bem em matemática outra vez. Artur sempre a ajudava a resolver os problemas, lembrou Ana. Iria à escola hoje mesmo. Se Márcia precisasse de auxílio nas lições, ela a ajudaria. Teria de ser pai e mãe para a menina.

Ana procurava ser forte diante da filha. Como as crianças são muito impressionáveis e por vêzes têm uma memória surpreendente, esforçava-se por evitar que ela acumulasse muitas recordações tristes dêsse trágico período, mesmo que isso lhe custasse ter de sorrir quando seu coração pranteava, falar quando desejaria chorar. Márcia isolara-se dentro de si quase desde a hora da morte do pai, comendo em silêncio suas refeições e saindo depois para a escola ou para o quarto. E agora Ana precisava de arranjar emprêgo, o que restringiria muito o tempo que passavam juntas. Que gratidão sentia por ter Márcia. Seria bom que tivesse adotado mais uma criança. Os pequenos precisam de irmãos ou irmãs, mas a falta de saúde de Artur a impedira de aumentar suas responsabilidades. Sorria agora fracamente, uns laivos de alegria penetrando-lhe o coração magoado, ao recordar a grande afinidade que havia entre Artur e Márcia.

Aproximando-se da escola, duas horas mais tarde, ela se recordava das muitas horas que os dois passavam juntos, fazendo tarefas escolares. Artur fôra professor, passara a maior parte da sua vida adulta entre as crianças e tinha-lhes um profundo amor. Para Márcia, havia sido pai, professor, conselheiro, companheiro. Ana sentia-se incapaz de preencher todos os vazios deixados no coração da filha por sua morte. Sem dúvida D. Beatriz pretendia lhe dizer que Márcia não estava fazendo os exercícios como devia. Que se pode esperar de uma criança que acaba de perder o pai?

Mas D. Beatriz não tinha nenhuma falha a apontar no desempenho escolar de Márcia. "É estranho", disse a professôra, com profundas rugas na testa, "como a menina se isolou completamente de todos."

"E isso não seria de se esperar?" Ana lamentou imediatamente sua impaciência.

"Não." A professôra tinha olhos grandes e sinceros. "Esta é a primeira experiência que sua filha tem com a morte. Mas eu tenho visto muitas crianças em circunstâncias semelhantes. Nenhuma delas se comportou assim. Não é natural depois de tantas semanas. Uma criança tão nova geralmente não consegue resistir ao apêlo da vida. Ela devia estar brincando com suas amigas ao invés de ficar sòzinha remoendo, como provàvelmente estará, ainda neste momento."

"Mas ela era muito agarrada ao pai." Ana teve a estranha sensação de estar discutindo consigo mesma. A princípio relutante em expressar sua própria preocupação com o alheiamento de Márcia, e mesmo temerosa de admití-lo, ela agora concordava que havia algo de estranho na conduta da menina. Não seria de se esperar que uma criança, perdendo um dos pais, se apegasse mais ao outro?

"Nós nos entendíamos maravilhosamente com nossa filha," disse Ana baixinho, levantando-se e calçando as luvas. "Ela é adotiva, sabe? Um filho adotivo é às vêzes mais bem-vindo e mais amado que um legítimo. Não concorda?"



"Estou certa de que a senhora gosta muito dessa criança." D. Beatriz levantou-se também. "Espero que consiga arrancá-la dessa pavorosa melancolia."

**Pavorosa melancolia.** As palavras ficaram ecoando em sua mente enquanto voltava para casa. Incrível que tal descrição se aplicasse a sua filha, geralmente alegre, animada e feliz. Espantoso, também, que Márcia não se apegasse a sua mãe nessas semanas passadas. A princípio concentrada demais em sua própria dor, Ana não havia notado. Depois, tentara se convencer de que era coisa passageira. Ora, quem disse que a professôra sabia tudo? Algumas crianças podem perder o pai um dia e ir brincar no outro, mas não Márcia. Não a sua esperta, inteligente e devotada Márcia.

Mas algo tinha de ser feito. Deveria perguntar-lhe diretamente: "Meu bem, por que se mantém afastada de mim?" Desde o início havia usado com ela o método direto. A criança sabia que fôra adotada. Ana falava no assunto abertamente, muitas vêzes, mesmo que isso provocasse críticas veementes de alguns, especialmente de sua amiga Dirce, que também tinha dois filhos adotivos. Ana procurou não pensar agora em Dirce, cuja recente frieza e desinterêsse ainda lhe doíam. Quando Márcia lhe perguntara "Por que não visitamos mais tia Dirce?", Ana havia respondido: "Ela se mudou para longe." Mas seis quarteirões não podiam ser classificados como "longe".

Ainda não compreendia a atitude de Dirce. "Mas por que não falar da adoção abertamente?" perguntara. "Êste é um problema que todos os que têm filhos adotivos enfrentam."

"Não é problema nenhum!" objetara Dirce. Claro que os filhos devem saber. Mas não precisamos levantar a questão a cada oportunidade! Trata-se isto como qualquer outro assunto delicado, sem fazer um cavalo de batalha. Eu não quero que os **meus** filhos sejam lembrados constantemente de que são adotivos."

Elas não rezavam pela mesma cartilha, é certo, mas seria isto motivo para romper a amizade? Ana não havia percebido quanta falta sentia da amiga até que Dirce veio visitá-la após a morte de Artur. E, se esperava que a velha amizade voltasse, estava enganada. Os dias se passaram sem que Dirce tornasse a aparecer.

Ana não se lembrava com exatidão de quando havia discutido pela primeira vez a questão da adoção com Marcinha, mas recordava-se de um dia em que a garôta, então com seis anos, havia perguntado durante o jantar: "A D. Marlene da casa ao lado tem um nenê crescendo debaixo do coração?"

"Sim," dissera Ana.

"Foi de lá que eu vim — de dentro da senhora?"

"Não, meu bem. Eu adotei você, você sabe."

"Por que eu não cresci dentro da senhora?"

"Porque por algum motivo os nenezinhos não podem crescer dentro de mim. Lembra-se de quando plantamos a horta — cenouras, tomates e ervilhas? Alguns cresceram e outros não. Às vêzes os nenês crescem nas mães, outras vêzes não. Quando você não cresceu em mim, eu fui àquela instituição que já lhe contei, onde há nenês de mães que não podem ficar com êles e escolhi o mais lindo, o mais mimoso — você!"

"Quero mais bolinho, mamãe."

Há ocasiões na vida de uma pessoa, refletiu Ana

em que surgem recordações que não têm ligação direta com o incidente que as suscita. Por que estaria agora se lembrando daquele dia infeliz em que Doly, a cachorrinha da família, fôra atropelada, deixando uma ninhada de quatro cachorrinhos de duas semanas? "Que acontecerá aos cachorrinhos?" perguntara Márcia desesperada.

"Vou mandá-los a uma instituição, onde as pessoas tomarão conta dêles muito bem, até que encontrem um lugar para cada um, com famílias que gostem de cachorros."

"Do mesmo jeito que eu! A mãe que me teve morreu? As mamães dos nenês das instituições morrem, como Doly?"

"Nem sempre, querida. Algumas vêzes, sim. Outras vêzes as mães estão muito doentes para criar os nenês ou não têm pais para êles. Uma criancinha precisa de pai e mãe para amá-la e cuidar dela. É isto que forma uma família — um pai, uma mãe e uma criança."

Ana abriu a porta de casa, entrou e percebeu logo que não conseguiria ir procurar emprêgo naquele dia. No fundo de sua mente persistiam os pensamentos dolorosos. Tinha de revistar o armário de Artur para ser desfazer de suas roupas. Tôda a vez que pensava nisso não conseguia chegar até o guarda-roupa. Mas precisava fazê-lo. Talvez amanhã, depois de Marcinha sair para a escola. Não queria que a menina percebesse como estava triste. Márcia precisava vê-la sempre calma e forte. Ana só podia chorar à noite, com o rosto apertado contra o travesseiro.

Na escrivaninha de Artur estavam empilhados os cartões de condolências que ela ainda não havia respondido. Dez anos dando aula numa escola representavam um grande número de alunos e a afeição de Artur por êles resultara em amizades permanentes. Apanhou um cartão mas, ao invés das palavras escritas, viu o rostinho de sua filha. Que fazer para tirar Márcia daquela depressão? Perturbada, ficou olhando através da vidraça até que seus olhos pousaram na vizinha do lado, D. Marlene, em estado adiantado de gravidez, que caminhava em direção ao filho de quatro anos, no quintal. Com uma idéia meio formada na mente, Ana saiu da escrivaninha e seguiu até a casa dela. Hesitante, resumiu brevemente o problema para a vizinha e juntas conspiraram para tirar Márcia de casa durante aquela tarde. "Espero que dê certo," dissera D. Marlene.

"Muito obrigada por sua boa vontade."

Depois disso foi ficar perto da janela, vendo Márcia descer a rua, até que D. Marlene a chamou. As duas trocaram algumas palavras e com um sorriso Márcia correu para casa.

"Mamãe," disse ela, "D. Marlene quer que eu tome conta do Paulo. Ela está cansada e quer repousar. Posso?"

"Claro. Tome primeiro seu leite."

À mesa Ana estudou atentamente o rosto da filha, que aos poucos ia perdendo o ar de animação e retomava a velha expressão agoniada e infeliz que tinha há mais de um mês. "As mulheres sempre ficam cansadas quando vão ter nenês?"

"A maior parte do tempo." **Faça mais perguntas, por favor,** rezou Ana de si para si. **Diga algo, qualquer coisa! Não se isole de mim, minha querida!**

"Eu me lembro, mamãe, de quando D. Marlene ia ter o Paulo e a senhora me disse que o nenê estava debaixo do coração dela."

"Sim. É lá que os nenês crescem."

Marcinha levantou-se devagar e seguiu para a porta. Sem uma palavra ou um olhar para trás, saiu. Ana ficou a contemplá-la, confusa, infeliz, completamente desarvorada. **Que terá acontecido a minha filha? Ela me evita! Ela desconfia de mim!**

Forçou-se a ir até a escrivaninha de Artur e responder os cartões de condolências até o escurecer. Era hora de preparar o jantar. Pôs dois bifes na frigideira, arranjou a mesa da cozinha para dois e relanceou a vista pela janela, para ver se Márcia vinha vindo. O quintal estava vazio. Preparou uma salada na travessa preferida de Márcia e olhou outra vez. Indecisa, estendeu a mão para a prateleira, para apanhar uma lata de palmito, depois colocou-a de volta no lugar com determinação, saindo da cozinha em direção à outra casa. Não deveria parecer agitada. Atravessou devagar o caminho, bateu e depois entrou pela cozinha. D. Marlene estava sentada numa cadeira de balanço, lendo para o filho.

"Onde está Márcia," perguntou Ana.

"Ela não está em casa? Saiu faz uma meia hora."

Uma onda de apreensão percorreu o corpo de Ana. Ia-se virando para sair, mas voltou-se novamente e olhou para D. Marlene: "Ela nunca vai a lugar nenhum sem me dizer."

"Talvez esteja na casa de algum vizinho" — e D. Marlene procurou mostrar-se confiante. "Por que não vai perguntar? Eu iria, mas..."

"Não, não precisa. Vou imediatamente."

Tocou a campainha de um vizinho após o outro até ter perguntado em tôdas as oito residências dos dois lados de sua rua. Finalmente, arrastou-se para casa, pensando em chamar a polícia. Em frente de casa estava D. Marlene preocupada, esperando por ela.

"Não está em nenhum lugar", disse Ana com voz sem expressão. Ao caminhar para a porta, ouviu o telefone tocando. Correu a atender.

"Ana?... Aqui é a Dirce."

"Como vai?" Conquanto fôsse uma alegria conversar com a amiga, esta não era hora para bate-papo.

"Márcia está aqui."

"Seus joelhos amoleceram, mas forçou a voz a continuar normal. "Não conseguia imaginar onde ela havia ido. Vou logo aí apanhá-la."

"Eu vou levá-la para casa, se você deixar. Hélio está aqui e posso sair um pouco."

Ana colocou o receptor no gancho e largou-se numa cadeira. Inerte, sem fôrças, ficou sentada ali em silêncio, na casa escura, procurando pôr os pensamentos em ordem. Nada que pensasse podia explicar por que Márcia havia ido à casa de Dirce. Uma pequena batida na porta fê-la erguer-se. Era D. Marlene.

"Sua casa continuava escura. E eu pensei..."

"Márcia está na casa de uma amiga. Minha velha amiga Dirce Camargo.

"Camargo? Foi êsse o nome que ela me pediu para procurar na lista telefônica. Depois quis saber onde ficava a rua Abolição. Não sabia que estava a apenas seis quarteirões daqui."

"Minha amiga mudou-se para lá há pouco. Ainda não tínhamos ido visitá-la."

Acendeu a luz do alpendre para D. Marlene e ficou satisfeita de estar sòzinha novamente, tentando reunir os fugidios fiapos de pensamento para ver se encontrava algum sentido nessa confusão terrível Seis quarteirões não levava muito tempo para se atravessar e logo elas estariam ali e Ana ficaria sabendo de tudo. Sua impaciência se mesclava de apreensão. O som de passadas na rua a alertou e correu para a porta, saindo no alpendre antes que as duas chegassem ao primeiro degrau da escada. Debaixo da luz viu que Márcia estivera chorando e que os olhos de Dirce também estavam marejados.

"Márcia, querida!" E apertou a criança contra si. "Estava tão preocupada!"

"Ana, Marcinha comeu um lanche lá em casa" — a voz de Dirce tinha um tom significativo. "Não acha que ela agora devia ir se preparar para dormir?"

"Boa idéia," disse Ana. "Vista sua camisola nova e mostre a tia Dirce como é linda." Com Márcia fora da sala, ela se virou para Dirce, angustiada: "Que aconteceu?"

"Não sei como dizer isto sem magoá-la. Ela simplesmente apareceu à minha porta dizendo que havia ido embora de casa e perguntando se podia ficar comigo."

"O que é — que você está dizendo?"

"Fiquei tão surpreendida como você. Márcia disse que já que eu tenho dois filhos adotivos, poderia ficar com três."

"Não compreendo. Não compreendo de forma alguma!"

"Agora eu compreendo. Márcia lhe dirá. Acho que é bom você conversar com ela sôbre isso. E por que não vem almoçar conosco amanhã? Faz tanto tempo que não nos vemos."

Ana correu para o quarto de Márcia, sentindo-se mais insegura do que nunca, desde os tempos de infância. A menina estava sentada na beira da cama, lutando com as fitas de sua camisola nova.

"Márcia," disse ela, sentando-se ao lado da criança e procurando não demonstrar sofrimento na voz. "Por que você foi-se embora de nossa casa?"

"Porque eu não queria voltar para a instituição," disse ela chorando. "A senhora não vai me mandar de volta, vai? Tia Dirce disse que a senhora nunca faria isso."

Esfregando com a mão os olhos que queimavam, Ana perguntou: "E por que eu haveria de fazer isso?"

"Porque a senhora me disse," falou Márcia gaguejando, "que a mãe que me teve precisou me dar porque não tinha pai para mim. Agora meu pai morreu e eu não cresci debaixo do seu coração. Achei que se pudesse ficar com a tia Dirce, porque ela também tem filhos adotivos, continuaria perto da senhora e ainda podia vê-la algumas vêzes.

"Marcinha! Marcinha, minha filha!" Ana ajoelhou-se, envolvendo a criança com os braços. "Quem foi que lhe deu essa idéia?"

E começou a chorar. Mas Márcia precisava de ser tranqüilizada, não de lágrimas.

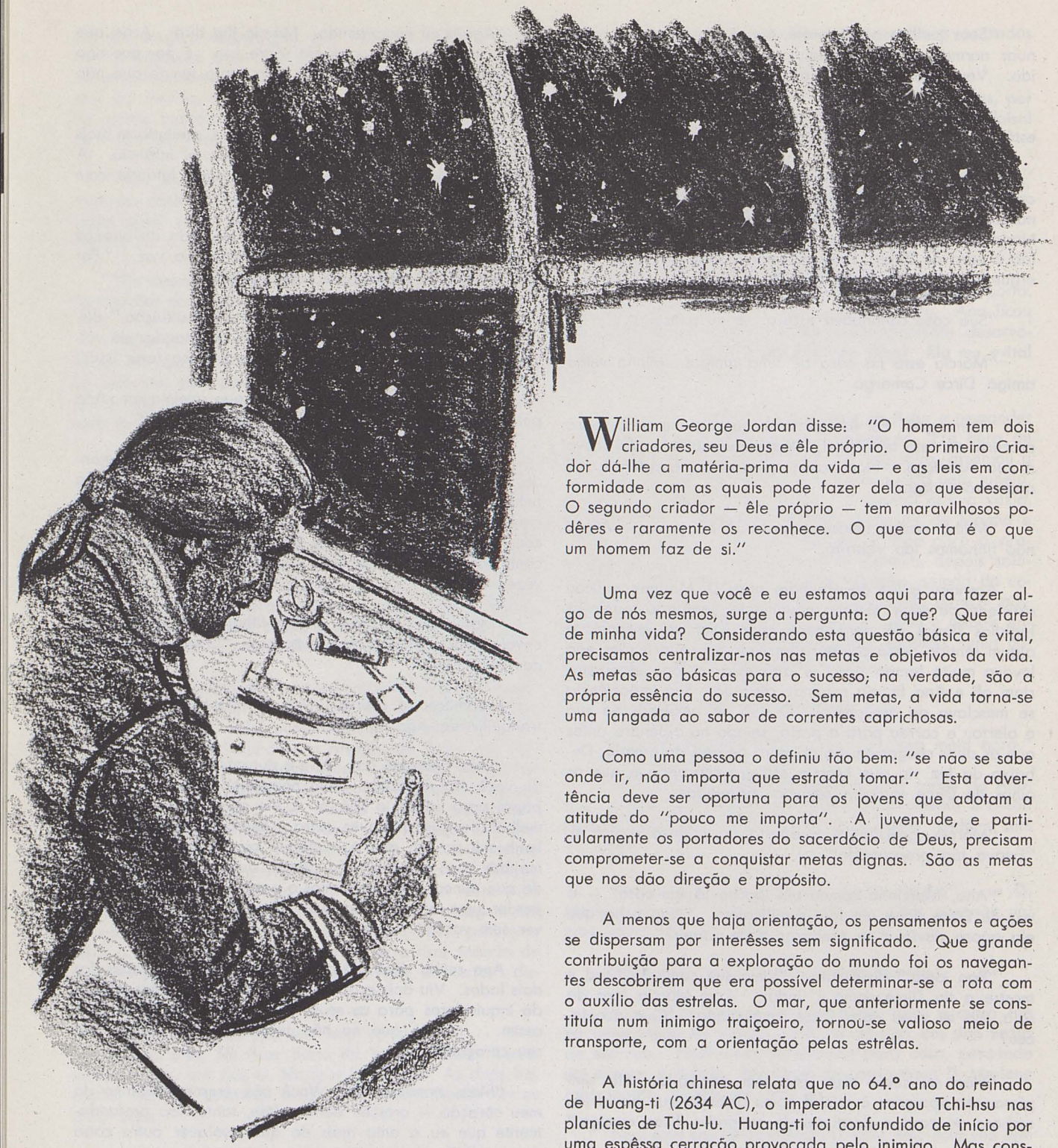
"Você tinha um pai. Teve-o durante dez anos. Quando você era nenezinho, bem pequenino, precisava de um papai para ajudar a criá-la. E êle criou você muito bem, melhor do que qualquer outro. Sei que você sempre se lembrará do pai que a ajudou a crescer assim. Mas eu mandar você embora? Eu preciso de você, querida, mais do que nunca. Nós perdemos o papai. Não podemos nos perder uma à outra também. Para que eu desejaria viver sem você?"

Ana sentiu duas mãozinhas apertando suas faces dos dois lados. Viu dois grandes olhos azuis marejados, olhando inquiridores para os seus. "A senhora me ama tanto assim... mesmo que eu não tenha crescido debaixo do seu coração?"

"Mais, querida. Mais. Você não cresceu debaixo do meu coração — cresceu dentro dêle, tanto, tão profundamente que eu a amo mais do que qualquer outra coisa no mundo!"

De repente a criança começou a soluçar, as emoções contidas rompendo finalmente as comportas. "Mamãe!" disse ela.

Com Marcinha aninhada nos braços, Ana sentiu afinal suas próprias lágrimas fluírem livremente e murmurou: "Minha filhinha — meu tesouro adorado!"



William George Jordan disse: "O homem tem dois criadores, seu Deus e êle próprio. O primeiro Criador dá-lhe a matéria-prima da vida — e as leis em conformidade com as quais pode fazer dela o que desejar. O segundo criador — êle próprio — tem maravilhosos podêres e raramente os reconhece. O que conta é o que um homem faz de si."

Uma vez que você e eu estamos aqui para fazer algo de nós mesmos, surge a pergunta: O que? Que farei de minha vida? Considerando esta questão básica e vital, precisamos centralizar-nos nas metas e objetivos da vida. As metas são básicas para o sucesso; na verdade, são a própria essência do sucesso. Sem metas, a vida torna-se uma jangada ao sabor de correntes caprichosas.

Como uma pessoa o definiu tão bem: "se não se sabe onde ir, não importa que estrada tomar." Esta advertência deve ser oportuna para os jovens que adotam a atitude do "pouco me importa". A juventude, e particularmente os portadores do sacerdócio de Deus, precisam comprometer-se a conquistar metas dignas. São as metas que nos dão direção e propósito.

A menos que haja orientação, os pensamentos e ações se dispersam por interêsses sem significado. Que grande contribuição para a exploração do mundo foi os navegantes descobrirem que era possível determinar-se a rota com o auxílio das estrelas. O mar, que anteriormente se constituía num inimigo traiçoeiro, tornou-se valioso meio de transporte, com a orientação pelas estrêlas.

A história chinesa relata que no 64.º ano do reinado de Huang-ti (2634 AC), o imperador atacou Tchi-hsu nas planícies de Tchu-lu. Huang-ti foi confundido de início por uma espêssa cerração provocada pelo inimigo. Mas construiu um carro (Tchi-nan) para apontar o sul, distinguindo assim o caminho. Uma vez tendo recobrado a orientação, seu exército pôde perseguir Tchi-hsu e fazê-lo prisioneiro.

Muitas vidas ficam a vagar sem destino na "cerração", apenas porque não há para elas uma direção, um objetivo.

Considerando metas, é bom ter-se em mente que exis-

# O Bispado Presidente Fala Sôbre Metas

tem dois tipos muito importantes de metas — as imediatas e as de longo alcance. Para ilustrar a importância desta distinção, suponhamos que nossa meta seja construir uma casa. Mesmo que tenhamos a meta estabelecida, nunca realizar-se-á sem algumas medidas imediatas, tais como "hoje cavaremos o embasamento," "amanhã moldaremos os alicerces" e assim por diante, até que os objetivos imediatos se consumem na conquista da meta final. Outra ilustração seria esta: um portador do Sacerdócio Aarônico pode ter como meta de longo alcance fazer missão.

Deve então escolher como metas diárias coisas que o preparem para a missão: honrar o sacerdócio,. estudar as escrituras, viver uma vida pura.

Conquanto seja importante compreender que as metas futuras apenas são atingidas por etapas, não se deve esquecer a necessidade de não sacrificar essas metas por satisfações imediatas. Salomão, que chegou a ser um grande e sábio rei, sacrificou suas elevadas metas por objetivos menores e satisfações carnais. Esaú também desistiu de grandes oportunidades futuras pela satisfação imediata da sua fome.

Sendo ambos, objetivos imediatos e de longo alcance, vitais para uma vida bem sucedida, seria próprio perguntar: "Que metas nos darão maior satisfação?" A resposta a isto revela um dos grandes aspectos do evangelho, pois êle é na realidade um programa de metas estabelecidas pelo Senhor para auxiliar-nos a obter a maior satisfação e sucesso possíveis. Naturalmente, o ideal máximo desta vida é a exaltação no reino celestial. E conquanto êsse objetivo ultrapasse em alguns aspectos nossa capacidade de compreensão, as metas imediatas que culminam nessa grande realização são claramente definidas pelo evangelho. Tais metas intermediárias incluem o batismo, o recebimento do dom do Espírito Santo, a ordenação ao sacredócio de Melquisedeque, o casamento no templo e assim por diante. Cada uma dessas metas intermediárias requer que certos objetivos do dia a dia sejam atingidos, tais como dignidade pessoal, cumprimento das designações do sacerdócio e estudo das escrituras.

Conquanto o evangelho indique as metas que tornam a vida bem sucedida, de nada servem a menos que cada indivíduo se comprometa pessoalmente a conquistá-las. Não se trata aqui de um fraco "vou tentar", mas sim de um empenho da magnitude do que demonstrou Jó quando, em meio a seus sofrimentos, clamou com segurança: "Porque eu sei que meu Redentor vive e que por fim se levantará sôbre a terra. Depois, revestido êste meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus." (Jó 19:25-26.) Os jovens precisam comprometer-se a viver melhor os princípios do evangelho.

Com respeito a êste período da história e à necessidade de as pessoas empenharem-se em metas de retidão, o presidente McKay declarou: "Parece-me que nunca antes as fôrças do mal cerraram fileiras mais terríveis do que hoje. Poucos duvidam de que estamos vivendo tempos críticos e que muitas pessoas perderam suas amarras e estão sendo 'agitadas de um lado para outro... por todo o vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que conduzem ao êrro.' Satanás e suas hostes atacam os ideais elevados e os sagrados padrões que protegem nossa espiritualidade e, como declarou há pouco um de nossos irmãos: 'cerca-nos por todos os lados e nos envolve nos engodos e tentações que já destruíram os elevados padrões de muitas pessoas, processo pelo qual procura agora se infiltrar em nosso meio.'"

"Tornando o pecado popular no mundo, êle espera torná-lo igualmente aceito entre nós.

"No mundo que nos rodeia, os padrões elevados estão caindo, cedendo lugar a outros inferiores. Alguns se esforçam mesmo para que não haja padrões de espécie alguma." **(The Improvement Era,** junho de 1967, pág. 23.)

Que a juventude e particularmente vocês, portadores do Sacerdócio Aarônico, comecem agora a criar ideais elevados e dignificantes, para que, como o apóstolo Paulo, possam dizer: "...esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." (Fil. 3:13-14.)




# A Família e a Ressurreição

**Roy W. Doxey**
Professor Assistente de Religião
Universidade Brigham Young

As maiores eventos são os que afetam o maior número de pessoas. Não há acontecimento que jamais venha a suceder a indivíduos ou nações que tenham tanta importância como a ressurreição. Não há fato para o qual as pessoas devam preparar-se com mais cuidado do que para essa experiência. Embora "o homem exista para que tenha alegria" (2 Nefi 2:25), e a felicidade seja o objetivo e propósito de nossa existência , não pode haver **plenitude** de alegria nesta vida. As maiores felicidades só advirão aos filhos de Deus quando forem ressuscitados. Esta grande verdade é proclamada numa revelação recebida por Joseph Smith:

**"Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento, inseparàvelmente ligados, recebem a plenitude da alegria; E, quando separados, não pode o homem receber a plenitude da alegria." (D. & C. 93: 33-34.)**

A importância desta verdade não pode ser superestimada naquilo que representa para a compreensão dos propósitos de Deus para seus filhos.

O significado e valor das valiosas informações recebidas pelos santos dos últimos dias, concernentes à ressurreição, foram bem expressados pelo Presidente Brigham Young, quando disse: "Um verdadeiro conhecimento e uma compreensão correta da ressurreição representam uma fonte de grande confôrto e alegria para um santo de Deus." (**Teachings of Pres. Brigham Young,** página 19.)

A realidade da ressurreição da humanidade, e os sentimentos que então prevalecerão, tornaram-se em parte conhecidos pelo profeta Joseph Smith através da seguinte visão, que relatou após saber da morte de Lorenzo B. Barnes na Inglaterra:

**"Vou dizer-lhes o que quero. Se amanhã fôr chamado a jazer no túmulo, na manhã da ressurreição apertarei as mãos de meu pai e clamarei, "Meu pai" e êle dirá "Meu filho, meu filho", tão logo a rocha se fenda e antes de sairmos do túmulo.**

**"E podemos encarar essas coisas assim? Sim, se soubermos como viver e como morrer...**

**"Vocês considerariam estranho que eu lhes relatasse o que vi em visão, relativo a êste tema fascinante? Os que morrerem em Jesus Cristo podem esperar, quando ressusci-**

**tarem, todo o gôzo da alegria que possuíram ou ansiaram aqui. Tão clara foi a visão, que realmente contemplei os homens, antes de saírem do túmulo, como se estivessem se levantando vagarosamente. Êles tomaram uns aos outros pela mão e disseram: "Meu pai, meu filho, minha mãe, minha filha, meu irmão, minha irmã." E quando a voz clamar para que os mortos se levantem, suponham que eu esteja ao lado de meu pai. Qual seria a primeira alegria de meu coração? Encontrá-lo e a minha mãe, meu irmão, minha irmã; e quando êles estivessem ao meu lado, eu os abraçaria e êles a mim... (D. H. C. V: 361-362.)**

Os sentimentos expressos no texto acima podem dar a tôdas as mães SUD a oportunidade de ensinar seus filhos a respeito da ressurreição e suas implicações quanto aos laços de afeição que unem as famílias. Os santos dos últimos dias são muito abençoados pela orientação das revelações de Deus através dos oráculos vivos e também dos modernos livros de escritura. Os testemunhos dos profetas, tanto antigos como modernos, são rica fonte de informação para ampliar nossa compreensão e testemunho concernentes a doutrinas fundamentais como a da ressurreição. Na linguagem do profeta Joseph Smith, êsses testemunhos com respeito à missão de Jesus Cristo constituem os princípios fundamentais da religião:

**"Os princípios fundamentais de nossa religião são o testemunho dos apóstolos e profetas, com relação a Jesus Cristo — que Êle morreu, foi sepultado e levantou-se novamente no terceiro dia, e ascendeu aos céus. Tôdas as outras coisas de nossa religião não passam de apêndices disto. Mas, em conexão com êsses conceitos, cremos no dom do Espírito Santo, no poder da fé, no gôzo dos dons espirituais de acôrdo com o desejo de Deus, na restauração da Casa de Israel e no triunfo final da verdade. (D. H. C., III: 30.)**

Há outro assunto de grande interêsse, baseado no "testemunho dos apóstolos e profetas", para as mães SUD ensinarem a seus filhos: trata-se da posição da profecia face à missão divina de Jesus Cristo, da qual uma parte importante é a ressurreição.

Jacó ressalta para o povo a necessidade de se reconciliar com Cristo através de sua expiação, para que "possais obter uma ressurreição, de acôrdo com o poder de ressurreição que está em Cristo..." (versículo 11). Depois disso, Jacó indicou a posição da profecia no plano eterno:

**"Portanto, meus irmãos, quem quer que profetize, que o faça ao alcance do entendimento humano, pois o Espírito fala a verdade e não mente. Portanto, fala das coisas como realmente são e como realmente serão, assim, estas coisas nos são manifestadas claramente, para a salvação de nossas almas. Mas eis que não somos as únicas testemunhas destas coisas, porque Deus também as falou aos antigos profetas. (Jacó 4:13.)**

Devido a sua presciência, Deus inspirou seus profetas divinamente ordenados sôbre a missão terrena de Jesus, séculos antes de sua ocorrência, para que soubessem que Êle seria ressucitado da morte. (Vide Mosíah 13:33-35.) Os profetas de tôdas as dispensações aguardaram a hora em que a morte seria removida permanentemente e o túmulo não mais teria vitória sôbre o espírito e o corpo dos homens. Provàvelmente uma das melhores profecias do Velho Testamento a respeito dêsse evento esteja em Isaías 26-19:

**"Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho (tristeza ou morte) será como o orvalho das ervas (a morte se desfará ràpidamente como o orvalho desaparece sob os raios do sol da manhã), e a terra lançará de sí os mortos.** (Palavras entre parênteses do autor.)

Outros profetas do Velho Testamento proclamaram a ressurreição vindoura como a esperança de Israel e de todos os homens. Os santos dos últimos dias se lembram das profecias de Jó, (Vide Jó 19:25-27.), que testemunhou que sairia do túmulo como ser tangível, imortalizado; de Ezequiel (Vide Ezequiel 37:1-14.), que falou da restauração integral do corpo físico de carne e ossos; e do testemunho de Daniel (Vide Daniel 12:2.), de que tanto justos como injustos sairiam para a vida ressurrecta.

Os profetas do Livro de Mórmon registraram suas profecias (testemunhos) de que nós, nesta dispensação, teríamos fé e compreensão maior dêste assunto de capital importância. Abinadi (Mosíah 16:7-10), Amuleque (Alma 11:41-44), Jacó (2 Nefi 9:6-8, 11-13), Alma (40:21-23), e Samuel o Lamanita (Helamã 14:15-16) ressaltaram que pelo cumprimento da missão de Jesus todos os homens receberiam de volta os seus corpos para nunca mais se separar dêles.

As predições de todos êsses profetas concernentes à ressurreição atestam, como muitas outras profecias agora cumpridas, que Deus, e não o homem, é o soberano dêste mundo. Para os que têm fé nas divinas escrituras, existe ampla evidência de que as promessas de Deus não ficarão sem cumprimento, pois êle as fêz e seus "apóstolos e profetas".

Uma das doutrinas mais belas e reconfortantes para as mães SUD é a da perpetuidade das associações familiares na vida futura, revelada através do profeta Joseph Smith. Os santos dos últimos dias compreendem que o passo seguinte em nosso progresso eterno é o mundo espiritual, para o qual Jesus foi ao morrer (I Pedro 3:18-20.) e ao qual os espíritos de todos os homens irão (Alma 40:11-14.). O mundo espiritual é um lugar para se receber mais instrução e onde há oportunidades de progresso tanto para os justos como para os iníquos. O espírito da criança morta vai para aquêle mundo, bem como o do adulto que morre em idade avançada. Entretanto, ambos terão forma adulta, a despeito do tamanho do corpo físico na hora da morte. (**Gospel Doctrine**, 6.ª edição, página 455.) Êste fato relativo às crianças mortas não admite a crença de algumas mães SUD de que poderão criar seus filhos no mundo espiritual. O profeta Joseph Smith pregou que o cumprimento desta promessa se dará na ressurreição, conforme expressado nas palavras do presidente Joseph F. Smith:

**"Joseph Smith declarou que a mãe que teve um filho e foi privada do privilégio, da alegria e da satisfação de**

**criá-lo até a idade adulta neste mundo, terá,** após a ressurreição, **alegria, satisfação e prazer, mesmo maiores do que teria sido possível na mortalidade, de ver seus filhos crescerem até a plena estatura de seu espírito. (Gospel Doctrine,** 6.ª ed., pág. 453; Confronte-se com D.H.C. IV: 555-557). (Itálicos do autor.)

Parece oportuno a esta altura citar as palavras do profeta Joseph Smith:

"Tôdas as suas perdas serão restituídas na ressurreição, sob condição de fidelidade. Pela visão do Altíssimo eu o vi." São também consistentes com êste ensinamento as palavras do profeta, ao estabelecer a verdade de que os corpos ressuscitados, apesar de diferirem em tamanho, como diterimos na mortalidade, serão gloriosos, velhos ou jovens.

**"Para receberdes vossos filhos deveis ter uma promessa — alguma ordenança; alguma bênção, para que êles subam acima dos principados, caso contrário serão anjos. Êles devem ressuscitar exatamente como morreram; poderemos então receber nossos adoráveis infantes com a mesma glória — a mesma beleza que todos possuirão igualmente na glória celestial. Êles diferem em estatura, em tamanho, mas o mesmo espírito dá-lhes a aparência de glória e vigor; o velho com seus cabelos prateados terá glória, em brilho e beleza. Ninguém poderia descrever-lhes isto — nem fazer um relato escrito.** (D. H. C., VI:366.)

Alma testemunhou que como sêres ressuscitados teremos corpos perfeitos porque as desfigurações da carne serão removidas. Esta certeza é outro aspecto da ressurreição que traz confôrto a todos e foi reconhecido pelos antigos profetas e proclamado novamente por nossos líderes inspirados desta dispensação.

**"A alma será restaurada ao corpo e o corpo à alma; sim, e todos os membros e juntas serão devolvidos aos respectivos corpos; sim, nem mesmo um fio de cabelo da cabeça será perdido, mas tudo será devolvido à sua própria e perfeita forma.** (Alma 40:23.)

Prestando testemunho do poder redentor de Jesus, que ainda haveria de vir na carne, Amuleque fêz esta eloqüente afirmação a respeito do corpo ressuscitado perfeito, e da verdade igualmente profunda de que quando ressuscitarmos permaneceremos para sempre unidos, corpo e espírito:

**"Existe, pois, uma morte que é chamada morte temporal; e a morte de Cristo afrouxará os laços dessa morte temporal para que todos se levantem dela.**

**"O espírito e o corpo serão novamente reunidos em sua perfeita forma; os membros e juntas serão restabelecidos a seus próprios lugares, tal como nos achamos neste momento; e seremos levados a nos apresentar perante Deus, sentindo o que sentimos agora e tendo uma viva lembrança de tôdas as nossas faltas.**

**"E esta restauração virá sôbre todos, sejam velhos ou moços, escravos ou libertos, homem ou mulher, malvados ou justos; e não se perderá um só fio de seus cabelos, mas tudo será restaurado a sua** perfeita forma, **ou no corpo, como se encontra agora; e todos serão levados perante o tribunal de Cristo, o Filho de Deus, o Pai e do Espírito Santo, que são um Eterno Deus, para serem julgados segundo suas obras, sejam elas boas ou más.**

**"E eis que vos falei sôbre a morte do corpo mortal e também sôbre sua ressurreição. E digo-vos que êste corpo mortal será ressuscitado num corpo imortal, isto é, passará da morte, e mesmo da primeira morte, à vida,** para não mais morrer; e os espíritos se unirão a seus corpos para não se separarem mais, **tornando-se essa união espiritual e imortal, de modo a não mais ver corrupção.** (Alma 11:42-45.) (Itálicos do autor.)

Meditando no testemunho dos profetas, devemos compreender que, segundo a maneira em que vivermos na mortalidade, seremos abençoados ou condenados. O Senhor prometeu a seus santos que, se obedecessem as leis da retidão, receberiam uma ressurreição celestial — "o mesmo corpo que fôra mortal; assim recebereis os vossos corpos, e a vossa glória será aquela pela qual os vossos corpos são vivificados." (D. & C. 88:28.) O corpo recebido na ressurreição será o nosso, e não o de outra pessoa. Não haverá aqui uma lição para os pais ensinarem a seus filhos, com respeito à observância das leis reveladas no tocante à saúde e à pureza moral?

Quão afortunados são os SUD pelo conhecimento da ressurreição em seus muitos aspectos. Quão mais abençoados somos por poder ensinar a nossos filhos que através da restauração do evangelho temos testemunhas modernas da realidade da ressurreição. Sêres ressuscitados, nas pessoas de Moroni, João Batista, Elias, Moisés e outros profetas, vieram à terra trazendo suas honras, direitos e privilégios, chaves e bênçãos para a salvação eterna de todos os que crerem e obedecerem. Cada um dêsses profetas, através de seu aparecimento a Joseph Smith e Oliver Cowdery nesta dispensação, atestou da realidade total da ressurreição do corpo.

"Os grandes eventos são os que afetam o maior número de pessoas." A ressurreição decorrente da expiação de Jesus Cristo afetará todo o ser que viveu na mortalidade. Todos serão levantados da morte física para a ressurreição do corpo. Não haverá exceção. (Vide Atos 24:15; Apocalipse 20:13; Alma 12:16-18.)

"Não há evento para o qual nos devamos preparar com maior cuidado do que para esta experiência (a ressurreição)." O tipo de corpo ressuscitado que uma pessoa receberá será determinado pela lei que ela decidiu seguir. (D. & C. 88:20-32.) Existe uma "ressurreição melhor". (Hebreus 11:35.) O Senhor revelou claramente que existem corpos celestes, terrestres e telestes, e que como cada um ressuscitar, assim herdará um reino de glória, compatível com êsse tipo de corpo recebido na ressurreição. Haverá diferenças até no reino celestial, entre os que viveram a plenitude da lei e os que foram menos valentes. Apenas mediante a obediência ao evangelho de Jesus Cristo o homem receberá o reino celeste. Sòmente vivendo em consonância com a **plenitude** do evangelho poderá êle atingir as alturas da divindade. (D. & C. 131:1-4; 132:28-33; 93:26-28; 130:20-21.)

"Quero sair", gritava o garôto, lutando nos braços de Ramon.

Que magrinho e faminto êle parecia estar! Ramon sorriu para êle. "Não tenha mêdo. Vamos ficar amigos. Venha comigo e eu repartirei com você a comida que minha mãe mandou."

O rosto do menino se iluminou e êle já estava matraqueando animadamente quando Ramou chegou onde estava Vovô.

"E quem é êsse aí?" perguntou Vovô.

"Um nôvo amigo," disse Ramon. "Um amigo com fome."

"Meu nome é Juan", falou o garôto.

"Estou feliz por conhecer você, Juan", disse o Vovô com amabilidade.

"Eu moro com minha tia", disse Juan. "Ela está doente e eu queria trabalhar para comprar um presente para ela." olhou ansiosamente para Ramon — "Não sou ladrão!"

"Claro que não!" Vovô trouxe a comida dêle e a de Ramon. "Venha, vamos comer."

Juan dividiu com cuidado a comida que Vovô pôs à sua frente. "Posso levar esta parte para minha tia?" perguntou. "Eu não estou com muita fome."

"Claro!", e Ramon sentiu um nó na garganta.

"Aqui está." Vovô acrescentou mais algumas mangas e uns ovos.

Os olhinhos de Juan brilharam. Êle se levantou para sair e sorriu tìmidamente. "Salamat, meus amigos."

"Espere, Juan!" gritou Ramon. Foi até o engradado e apanhou a última galinha. "Aqui está — um presente para sua tia."

Primeiro Juan não podia acreditar no que estava acontecendo. Ainda procurava palavras para expressar sua gratidão quando Manuel apareceu correndo, com o engradado vazio. Depois que, com um último aceno, Juan desapareceu na multidão, Manuel riu alto. Enfiou a mão no bôlso e tirou-a cheia de moedas.

"Veja, Vovô," disse Manuel com orgulho. "Agora vamos ver o que Ramon conseguiu ganhar."

"Mostre, Ramon", disse Vovô.

Ramon suspirou e puxou para fora o colar de contas. "Um presente para Maria."

"Só isso?" perguntou Manuel.

"Sim." Ramon voltou-se para o avô. "Acho que nunca vou ser um bom comerciante."

Havia um certo brilho nos olhos escuros de Vovô.

"Ramon, você trocou suas galinhas por três coisas — felicidade para a velha Carlotta, um nôvo amigo e um lindo presente para sua irmãzinha. Essas coisas valem mais que moedas. Sua troca foi boa. Estou orgulhoso de você, meu neto."

O coração de Ramon foi enlevado. Depois viu a tristeza e a raiva estampadas no rosto de Manuel.

Manuel olhou para as contas que brilhavam como jóias na mão de Ramon e para as moedas que tinha na sua. A raiva de seu rosto transformou-se em incerteza. Ficou imóvel durante um longo momento, depois sorriu meio arrevezado.

"Vovô," disse Manuel, "o senhor sabia que isto ia acontecer. Queria dar-me uma lição!"

Vovô riu mansamente. 'Se você aprendeu uma lição, estou satisfeito."

Os olhos de Ramon encontraram os de Manuel e de repente êles começaram a rir juntos. Como Vovô conhecia bem a ambos e quão profundo era o seu amor — profundo e grande o suficiente para os dois.

# Seção das Crianças

# Um Tesouro nos Sapatos

**Uma história real revivida por**

**Lucile C. Reading**



Os sapatos de John estavam precisando de meia-sola. Êle os estragara correndo para cima e para baixo no Steensbakken (Monte de Steens) onde morava com sua mãe e seu irmãozinho Osborne, de dois anos de idade. Após a morte do pai, haviam-se mudado de Froya, a ilha mais afastada da costa da Noruega, para um pequeno apartamento em Trondheim. Os dois garôtos e sua mãe muitas vêzes contemplavam, para lá da bela cidade antiga, o pôrto e o fiorde que ziguezagueava em direção ao oceano.

Quando John mostrou à mãe os sapatos estragados, ela suspirou e disse que não conhecia nenhum sapateiro em Trondheim, mas ia procurar. Alguns dias depois um garôto apareceu à porta, dizendo que seu pai era sapateiro. Quando trouxe de volta os

sapatos de John, o pequeno tentou calçá-los, mas não conseguiu antes de retirar uns livretos que estavam enfiados dentro dêles.

O pai de John era professor. Antes de morrer tinha ensinado o filhinho a ler, mas havia tantas palavras complicadas e esquisitas nos livretos, que John não conseguiu compreender o que estava escrito. Êle os levou para a mãe e naquela noite ficou a vê-la enquanto lia, imaginando o que significaria a expressão esquisita de seu rosto. Ela nada disse, mas no dia seguinte embrulhou outro par de sapatos de John e os colocou debaixo do braço. Disse às crianças que ia até o sapateiro, porque queria falar-lhe.

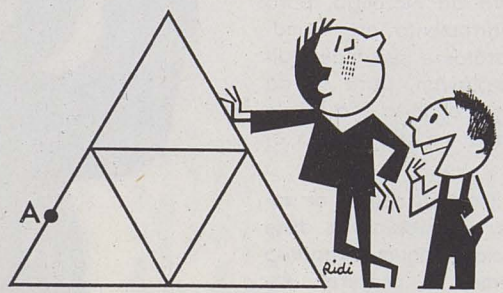
Mamãe parecia inquieta e um tanto preocupada quando voltou. Os sapatos de John foram entregues alguns dias depois. E enfiados dentro de cada um dêles havia outro livreto. Naquela noite o menino os viu na mão de sua mãe e pediu que lêsse para êle, mas ela apenas sorriu com um ar enigmático e sacudiu a cabeça.

Só alguns anos mais tarde foi que John ficou sabendo o que o sapateiro havia dito a sua mãe, quando levou o segundo par de sapatos para consertar e lhe perguntou por que punha os livretos dentro dêles. "A senhora pode não acreditar", respondera o homem," mas posso dar-lhe algo mais valioso do que sola para os sapatos de seus filhos."

Devido ao tesouro de valor inestimável que encontrou nos sapatos de John A. Widtsoe, Anna Widtsoe tornou-se membro da Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias. Os pequenos livretos eram panfletos missionários.

# Os Dezesseis Triângulos

Por que o Zequinha está rindo de Manecão? Porque Manecão anda dizendo que consegue dividir esta figura em 16 triângulos menores, exatamente iguais - sem levantar o lapis do papel! Comece no ponto A e veja que tem razão. (Resposta noutra página.)




verdade, ela era sempre a primeira a ajudar qualquer um no "barrio" que estivesse doente ou em dificuldades. Não conseguiu negar. Ao invés disso, Ramon saltou para o chão, abriu o engradado de bambu e entregou a Carlotta a galinha mais gorda.

"Salamat", Ramon," disse Carlotta.

Manuel caçoou enquanto se afastavam. "Você nunca vai receber o dinheiro, Ramon! Carlotta é velha e esquecida!"

Ramon suspirou. Êle também achava que nunca faria bons negócios como Manuel. Depois seu rosto se iluminou. As duas galinhas que sobraram pesavam mais do que as três de Manuel juntas; êle ainda podia ganhar mais dinheiro no fim do dia. Ramon deu uma espiada no avô, mas o rôsto dêle não revelava coisa alguma.

O mercado já estava apinhado de gente quando chegaram. Pessoas de todos os "barrios" haviam espalhado seus produtos nas bancas diante das barracas. Uma freguêsa chegou, enquanto Ramon e Manuel ajudavam Vovô a descarregar.

"Quero uma galinha bem gorda", disse ela.

Manuel deu um grande sorriso e deitou seu engradado no chão. "Aqui estão umas galinhas ótimas."

"Nada disso!", disse a mulher. 'Não quero essas!" Foi até a carroça e apontou para as galinhas de Ramon. "Quero aquela, aquela lá."

O coração de Ramon estourava de alegria, enquanto tirava a galinha do engradado e embolsava o dinheiro que a mulher lhe deu.

"Vou levar minhas galinhas para outro lado", e Manuel apontou um lugar vazio perto do portão do mercado.

Vovô sorriu. "Então, Manuel, você já descobriu que ninguém compra uma galinha magra quando pode escolher uma gorda!"

"O dia ainda não acabou!", disse Manuel, sorrindo.

"Quer dar uma volta pelo mercado, Ramon?" perguntou Vovô. "Eu vendo a sua galinha se aparecer um freguês."

Ramon assentiu. E saiu caminhando por entre as bancas, feliz. Elas estavam repletas de muitas coisas lindas — "bolos" (facas) com cabo de chifre de carabao, "banigs" (esteiras) de palha, doces, peixes, cestas e gafanhotos cozidos.

De repente, Ramon se quedou imóvel. Dependurado em uma das barracas havia um colar de contas — azuis como o céu de uma manhã de verão. Êle pensou em Maria. Será que o dinheiro que tinha recebido pela galinha dava para comprá-lo? Dava, e Ramon sorriu de felicidade, ao pagar o colar de contas e colocá-lo no bôlso com cuidado. Como os olhos de Maria iam brilhar!

De repente, seus passos perderam a vivacidade. E agora Manuel ia rir dêle, quando soubesse que todo o dinheiro da segunda galinha se fôra na compra do colar de contas azuis!

"Pare, ladrão! Pare!", gritou um feirante, saindo atrás de um garotinho que correu diretamente na direção de Ramon.

Ramon segurou o garôto bem firme.

"Eu não roubei nada!" E o menino olhava para o feirante com um ar assustado. "Estava apenas querendo trabalho."

"Ah, é? Veremos!" O feirante correu as mãos pelas roupas rôtas do pequeno. Nada encontrou, mas ainda assim fitou-o com raiva e sacudiu o menino pelos ombros. 'Não me deixe apanhá-lo outra vez rondando minha barraca!"

quanto uma carroça puxada por um grande carabau (búfalo d'água) vinha ruidosamente na direção dêles.

Os olhos de Ramon se arregalaram quando viu seu primo Manuel na carroça, ao lado do avô. Então êle ia! Manuel também ia levar suas galinhas ao mercado!

Seis meses atrás Vovô havia dado, tanto a Ramon como a Manuel, três galinhas. "Engordem-nas para vender", dissera êle, "e terão dinheiro para comprar aquilo que quiserem."

Nessa manhã o coração de Ramon estava transbordante. "Desta vez o Vovô ficará tão orgulhoso de mim como de Manuel. Minhas galinhas estão mais gordas."

"Vovô sempre teve tanto orgulho de você como de Manuel! gritou Maria.

"Não!" disse Ramon. "Manuel tirou notas melhores na escola e ganhou a corrida na 'Fiesta" — e Vovô esperava que eu ganhasse a corrida."

"Você teria ganho se não tivesse parado para ajudar Pablo quando êle caiu — todo o mundo sabe disso!" gritou Maria.

"Mas foi Manuel quem ganhou!" disse Ramon.

"Ôooo! E Vovô parou a carroça, carregada de frutas e vegetais, ao lado de Ramon e Maria. "Ai!" exclamou êle, quando Ramon pendurou o negradado na carroça. "Que lindas galinhas, meu neto."

"Salamat" (muito obrigado), Vovô, disse Ramon.

Manuel olhou para as galinhas de Ramon com ar invejoso. "É o dinheiro que se ganha no mercado com as galinhas que importa."

Vovô sorriu. "Quanto mais gordas as galinhas, melhor preço se obtém por elas."

"Eu vou conseguir mais pelas minhas do que Ramon!", gabou-se Manuel.

"Não desta vez, Manuel!", respondeu Ramon. "Hoje eu vou ganhar de você!"

"Vamos, garôtos!", riu Vovô. "Veremos quem ganha depois que as galinhas estiverem vendidas."

"Até logo, Maria," e Ramon montou sôbre as largas ancas do carabau.

"Espere, Ramon! Espere, Manuel!, gritou uma voz aguda.

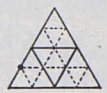
Vovô parou a carroça para esperar Carlotta Martinez, a senhora mais velhinha da vila.

"Meu neto chega hoje da cidade," disse a velha Carlotta com orgulho. "Quero comprar a galinha mais gorda que tiverem. Pagarei na próxima semana, quando vender meus cestos."

"Hindi" (não)! disse Manuel. "Sinto muito, mas quero receber o dinheiro das galinhas na hora."

Ramon ia abrir a bôca para dizer o mesmo, mas lembrou-se que a velha Carlotta era tão boazinha. Na

**Reposta ao Quebra-Cabeça**





# Juju Aprende Uma Boa Lição

**Genevieve V. Hunt**

Através de uma fenda na cêrca muito alta, Juju, o cachorrinho, ficou vendo Maurinho se afastar até perdê-lo de vista. Depois correu para o portão e tentou abri-lo, mas o trinco era alto demais para um filhote de cachorro alcançar.

Por isso, começou a chorar, primeiro baixinho; depois mais e mais alto: "Auauauauau — auauauauau!"

A barulheira acordou Naná, a gatinha, que saiu de trás de uma moita de roseira, onde estava tirando uma soneca. Espreguiçando-se e sacudindo a terra fria do pêlo lustroso ela miou: "Por que está chorando tão alto?"

"Eu — eu estou chorando por causa do Maurinho. Êle foi para a escola e eu quero ir com êle. Auauauau!"

"Que tolice", repreendeu Naná. "O professor de Maurinho não vai querer você na escola."

Ela abanou a longa cauda felpuda e começou a se afastar. "É melhor você ir descansar à sombra da velha pereira amiga," ronronou. "Está fazendo muito calor para se andar correndo por aí."

Juju suspirou e depois ficou bem quietinho, até Naná desaparecer de vista. Então inclinou a cabeça, primeiro de um lado, depois do outro.

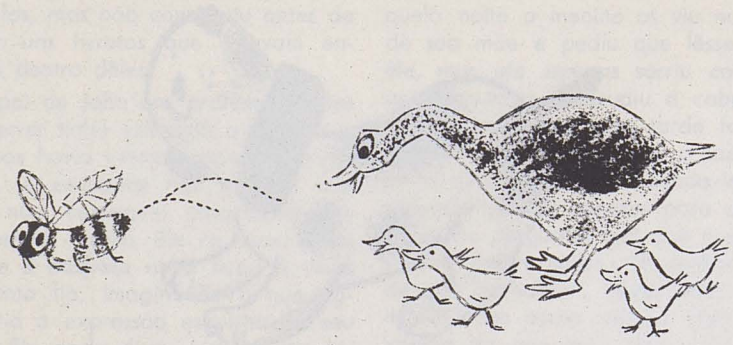
Êle sempre inclinava a cabeça daquele jeito quando estava pensando. Que fazer? Ficar descansando à sombra da velha pereira amiga — ou ir até a escola?

Exatamente nesse momento o menino do armazém atravessou o portão e deixou-o escancarado. Rápido como o vento, Juju parou de pensar e escapou do jardim.

Logo encontrou o Franguinho Vermelho, caminhando pomposamente, como se fôsse o dono do mundo.

"Você pode fazer o favor de me dizer como se vai até a escola, para eu encontrar o Maurinho?" perguntou Juju.

O Franguinho Vermelho bateu as asas, esticou o pescoço e com voz muito alta respondeu: "Co-co-ro-có Co-



co-ro-có! Co-co-ro-có! É melhor você voltar para casa!"

Mas Juju continuou correndo pelo caminho. Logo depois viu a Abelha Trabalhadeira, tirando nectar das flôres silvestres que cresciam à beira de um pequeno regato.

"Você pode fazer o favor de me ensinar o caminho para a escola, para eu encontrar o Maurinho?" pediu Juju.

"Bizzz! Bizzz! Bizz-Biz! É melhor você ir para casa," respondeu a Abelha Trabalhadeira.

Mas Juju continuou correndo pela estrada e caiu diretamente no meio da família de Dona Gansa Cinzenta, com seus 1-2-3-4-5-6-7 gansinhos.

"Ronc! Ronc! Ronc!" gritou Dona Gansa Cinzenta. Ela pensou que Juju queria machucar seus filhinhos.

Juju ficou com mêdo e com uma vozinha esganiçada gritou: "Auauau! Auauauauau! Por favor, Dona Gansa Cinzenta, deixe-me ir embora. Eu estava só procurando a escola, para ficar com o Maurinho."

Quando Dona Gansa Cinzenta ficou sabendo que êle estava só procurando a escola, deu-lhe um empurrão com suas asas grandes e fortes. "Ronc! Ronc! Ronc! Vá-se embora então" — disse ela.

Juju levou um enorme escorregão e tchibum, caiu bem dentro de um atoleiro.

Ficou cobertinho de lama, dos pés à cabeça. Juju se sacudiu sem parar, mas a lama ficou grudada em seu pêlo. Êle queria tanto ter ouvido os conselhos de seus amiguinhos — Naná, o Franguinho Vermelho e a Abelha Trabalhadeira! Ah, se conseguisse voltar para casa, pensou, nunca mais haveria de fugir.

Juju não continuou correndo pela estrada afora desta vez. Correu, e correu, e correu, até estar no quintal de sua própria casa, são e salvo à sombra da velha pereira amiga.

"Espero que você tenha aprendido sua lição!" miou Naná do alto da árvore.

Juju estava tão contente de estar de nôvo em casa que não pôde dizer uma só palavra. Mas seu rabinho respondeu por êle. Ficou fazendo flúp-flup! Flup-flup! Flup-flup!, para lá e para cá.

# Ramon e as Galinhas

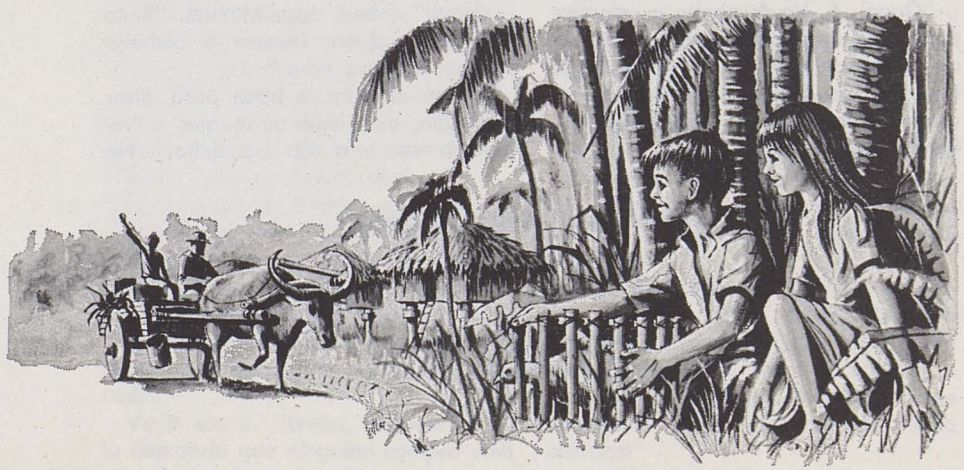
**Bernardine Beatie**

Ramon estava sentado com sua irmãzinha Maria ao lado da rua poeirenta que se estendia por todo o "barrio" (vila) filipino. A seu lado havia um engradado de bambú com três galinhas brancas.

"Um dia", disse Maria sonhadora, "vou criar umas galinhas. Aí hei de comprar um colar de continhas azuis, tão azuis como o céu de uma manhã de verão!"

Ramon sorriu. As meninas gostavam de cada coisa boba!

"Lá vem Vovô!" gritou Maria, en-



# ESCOLA DOMINICAL

# A Festa da Páscoa

**Helen Blake Smith**

Jamais havia ensinado na Escola Dominical, apesar de ser membro da Igreja há quase meio século. Agora, designada a ensinar jovens de 16 e 17 anos, que disseram-me ser a idade "difícil", fiquei preocupada.

"Torne suas aulas vivas!" recomendavam os melhores manuais de treinamento pedagógico.

"Queremos uma festa!" reclamava a classe.

Como poderia tornar viva a lição para uma classe apática? As festas são parte da Escola Dominical? Que atitude deveria tomar uma professôra novata?

Estávamos na nona lição, **Mensagem do Mestre,** e sentia-me dolorosamente cônscia de que não me estava "saindo bem" com meus ouvintes, ao descrever a Festa da Páscoa. De repente, nasceu-me a idéia de combinar as responsabilidades do professor e dos alunos, realizando a nossa "Páscoa". Essa era a época certa do ano para tanto e a comemoração em forma de festa poderia me aproximar dos alunos.

A reação à minha sugestão não foi nada entusiástica, mas a idéia foi aceita com o entendimento tácito de que alguém mais se encarregasse do trabalho. Mesmo os convites que redigi em linguagem de estilo bíblico, escritos em papel pergaminho e enrolados em bastõezinhos, amarrados com tiras de palha, não despertaram grande interêsse. Os oficiais da classe concordaram em distribuí-los e, naturalmente, convidamos os membros inativos.

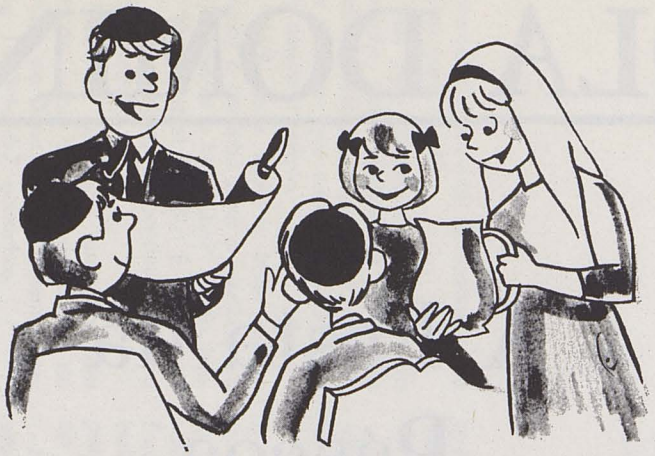
**Um estudo sôbre a Páscoa**

Concluindo que o elemento surprêsa era ingrediente fundamental em qualquer festa bem sucedida, resolvi ser meu próprio produtor. A biblioteca pública e alguns amigos judeus foram as principais fontes de informação que utilizei. Combinando hábitos das três correntes do judaismo, pude idealizar um plano que manteria a autenticidade, mesmo empregando-se uma forma adaptada.

Com o progresso de meus estudos sôbre êsse antigo cerimonial, fiquei impressionada com as evidências do amor







de Deus na fé judaica, e a crença de que o lar e a família são as bases da boa vida. Aprendi que o "Seder" (que literalmente significa "ordem de serviço"), festejado na noite da Páscoa, era o ponto culminante da celebração de oito dias.

Pratos guardados apenas para essa semana são retirados e lavados. A prata é limpa e polida. O lar imaculado reflete a felicidade da família, ao se reunir para participar do antiquíssimo ritual, sob a direção do patriarca da família ou seu membro masculino mais velho.

**Arrebatados no espírito da ocasião**

Pedindo permissão à mãe de nosso presidente da classe para usar o quarto de "desordem" de sua casa, a fim de servir o jantar para cêrca de 28 pessoas, empolguei-me na descrição do evento. Nossa hospedeira também se deixou imbuir pelo espírito da comemoração e não admitiu que usássemos senão sua sala de jantar, com uma linda mobília de carvalho, e sua melhor toalha de linho, porcelana e prataria.

Ao se aproximar a data do jantar, chamei vários alunos pelo telefone, confiando a cada um que tinha necessidade de colaboração em alguma coisa e pedindo sua ajuda. Essas tarefas, aceitas em tom de conspiração, foram executadas minuciosamente.

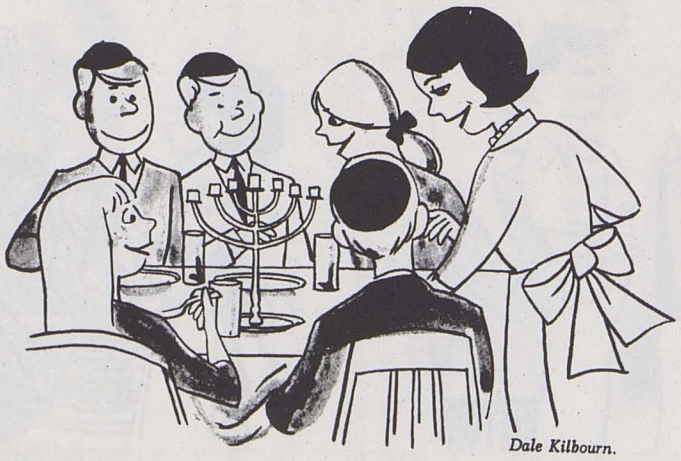
Reunimo-nos em minha casa, que exibia no batente na porta da rua uma marca simbólica do "sangue do cordeiro". Aqui o presidente da classe assumiu o encargo de patriarca, ou "pai" da classe.

**A Páscoa**

E leu o Hagadá, após todos os homens terem colocado os yamarkael (solidéus) que havíamos feito de papel crepon prêto. (O solidéu representa a proteção da mão de Deus.) As garôtas passaram então um lindo jarro azul e um guardanapo de linho, para a cerimônia do lava-mãos, e todos nos postamos em pé, preparados para fugir, enquanto comíamos as "ervas amargas."

Mais tarde, na casa de nossa hospedeira, sentamo-nos ao redor de uma mesa posta com todo o carinho, com o tradicional candelabro de sete braços ao centro. Diante do chefe da família estava uma grande travessa contendo os símbolos do Seder: um ôsso de cordeiro assado, para representar o cordeiro do sacrifício; um ôvo cozido, símbolo da vida e da esperança; raízes fortes e salsão — as ervas amargas, simbolizando a amargura da perda de seus direitos; e uma mistura de maçãs, nozes e vinho (usamos suco de uva), para sugerir com sua côr vermelha os tijolos que os israelitas escravizados foram forçados a fabricar no Egito.

Nosso "patriarca" presidiu à cabeceira da mesa, enquanto meu filho, um dos convidados e além disso o mais jovem representante do sexo masculino presente, formulou as tradicionais "quatro perguntas"; e então se desenrolou o antigo relato da fuga dos filhos de Israel do catíveiro.



*Dale Kilbourn.*

Pois no Tora está escrito:

"E quando, em tempo por vir, teu filho te perguntar, dizendo: "Que quer isto dizer?" tu lhe dirás: "Foi com uma mão poderosa que o Senhor nos tirou do Egito, da casa de servidão..." (Tora, Êxodo 13:14.)

Nosso verdadeiro anfitrião leu então uma prece hebraica de ação de graças para as mães de família, recitando as palavras de Salomão com respeito à mulher virtuosa. Isto foi seguido pela bênção hebraica do alimento.

**Vivendo uma experiência**

Apesar de se notar grande respeito enquanto executávamos os rituais sagrados, isto não interferiu com a alegria e a pura satisfação da festa. Foi uma delícia ver a surprêsa e o interêsse estampados nos rostos jovens, enquanto eu explicava cada cerimônia. Seus olhos brilhantes diziam com mais eloqüência que palavras que estavam participando não apenas de uma festa diferente, mas de uma experiência emocionante, aprendendo através da experiência.

Terminamos a noite com uma excursão pela Terra Santa via filme colorido emprestado; seguimos as pegadas do Mestre até locais cujos nomes nos eram familiares, onde Êle realizara os milagres e relatara as parábolas anteriormente comentadas em classe; depois seguimos pela trilha acridoce até o Calvário, através das ruas estreitas e tortuosas de Jerusalém.

Nossa Festa da Páscoa terminou. Senti que todos os jovens, inclusive os convidados inativos, tinham participado intensamente do antigo festival da Bíblia. Nem uma vez deram a entender que achavam a idéia "sem graça", mas demonstraram interêsse em conhecer o propósito e significado de tudo que comemos e fizemos.

Seus atos no domingo seguinte demonstraram o que eu precisava saber. Primeiro, o "bom dia" matinal de meus alunos foi mais que um aceno casual. Tinha-se derretido a frieza anterior em nossas relações. Segundo, pude entrever um nadinha mais de atenção quando principiei a aula com um "Era COSTUME quando Jesus estava sôbre a terra..." Finalmente eu sentia que começava a "me sair bem".

## Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais de Abril




## Jóias Sacramentais de Abril

### Escola Dominical Sênior

**"E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando êle o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu." (Lucas 24:30.)**

### Escola Dominical Júnior

**Jesus disse: "...Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim." (Lucas 22:19.)**



# JUVENTUDE DA PROMESSA

**Tôdas as pessoas, jovens e velhos, que lêem a respeito de Joseph Smith sôbre a coragem demonstrada em sua infância, a fé que teve na juventude, o grande amor de família que o caracterizou durante tôda a vida — encontram nessa história . . .**

# Um Doce Fascínio

**Ivan J. Barrett**

O presidente Joseph F. Smith disse que havia um doce fascínio em se meditar sôbre a infância de Joseph Smith — a inocência e simplicidade de seus jovens anos o encantavam.

A infância de Joseph Smith foi muito semelhante à de outras crianças de seu tempo; seus folguedos eram semelhantes, seus pensamentos inocentes. "Apesar de pobres, seus pais eram honestos e bons; êles se deleitavam na verdade e tinham um desejo honesto de viver de acôrdo com seu melhor entendimento. O amor, a boa vontade para com tudo, encontravam ressonância em seus corações e atos e seus filhos foram imbuídos de sentimentos iguais. Criam firmemente em Deus e confiavam em seu zêlo pelas criaturas. Haviam recebido freqüentes manifestações dêsse amor, em sonhos, visões e inspirações e o Senhor havia curado seus filhinhos, quando se achavam às portas da morte, em resposta a suas preces.

A oração era um hábito diário no lar dos Smith. Quando quer que o pai procurasse os óculos no bôlso do casaco, as crianças já sabiam que se podiam preparar para orar. Após a prece vespertina a família cantava um hino que falava do fim de mais um dia.

### Uma infância de estudo e labor

Joseph e seus irmãos aprenderam a ler a Bíblia diàriamente. Um vizinho, comentando a respeito da família, disse: "Êles tinham aulas em casa e estudavam a Bíblia." Apesar de as oportunidades de instrução de Joseph serem limitadas, freqüentou escolas em Vermont, New Hampshire e em Palmyra, Estado de Nova Iorque.

Joseph Smith era de nascimento humilde. Seus pais



Joseph Smith

eram fazendeiros, pobres em bens materiais, mas ricos nos espirituais. O garôto trabalhava àrduamente, como todos os outros irmãos. Em sua história êle diz: "Como as condições econômicas de meu pai se achassem sumamente limitadas, víamo-nos obrigados a trabalhar com nossas mãos, empregando-nos fora, por dia e de outras maneiras, segundo tínhamos oportunidade. Às vêzes estávamos em casa, e outras fora, e por meio do trabalho contínuo, obtínhamos manutenção relativamente confortável." Com freqüência Joseph se empregava com Martin Harris, um fazendeiro rico, que lhe pagava o mais alto salário da época, 50 centavos de dólar por dia. Martin Harris afirmou que Joseph foi o melhor agricultor que jamais teve a seu serviço.

**"O mais nobre da família de meu pai"**

Ao chegar à adolescência, Joseph admirava e quase idolatrava seu irmão mais velho, Alvin. Em anos posteriores, escreveria a seu respeito: "Êle era o mais velho e o mais nobre da família de meu pai. Foi um dos mais nobres filhos dos homens... Nêle não havia malícia. Viveu sem mácula desde os tempos da infância. Desde que nasceu jamais conheceu a hilariedade. Era cândido, sóbrio e nunca brincava; e obedecia seu pai e sua mãe, labutando todo o dia. Foi homem dos mais sóbrios..."

Alvin era forte e bem aparentado. Joseph comentou que sua beleza não era sobrepujada senão pela do Pai Adão e de seu filho Sete, a quem as escrituras descreveram como homens perfeitos.

Certo dia, quando Joseph e seu irmão Alvin foram a

Palmyra, encontraram um grupo de homens reunidos em volta de dois irlandeses que lutavam. Alvin e Joseph ficaram olhando até que um dos irlandeses, após atirar o adversário ao chão, estava para arrancar-lhe os olhos. Isto suscitou a justa ira de Alvin, que abriu caminho através do grupo, apanhou o agressor pelo colarinho e calças e atirou-o sôbre os que assistiam a briga.

**Serões ao pé do fogo**

Após o aparecimento do Anjo Moroni a Joseph Smith, informando-o da obra que o Senhor tinha para êle — de trazer à luz o Livro de Mórmon — a família inteira reunia-se tôdas as noites ao pé da lareira e ouvia fascinada os mais interessantes relatos a respeito dos antigos habitantes da América, feitos por Joseph.

Êle descrevia os trajes, meios de transporte, tipos de animais empregados, as cidades, métodos de guerra e adoração religiosa dêsses antigos americanos, em detalhes tais que para a família era como se tivessem passado a vida tôda entre êles. Findo o primeiro dêsses serões, com a família ainda sob a influência da curiosa história de Joseph, Alvin observou: "Agora, irmão, vamos para a cama, a fim de amanhã acabar o trabalho do dia uma hora antes do pôr do sol. Aí, se mamãe preparar nosso jantar mais cedo, poderemos ter uma serão mais longo e melhor... ouvindo suas histórias sôbre as grandes coisas que Deus lhe revelou."

Cêrca de dois meses após o jovem profeta ter sua visão do Anjo Moroni, Alvin adoece de cólica biliar e, apesar de atendido pelos médicos da vila, veio a falecer. Mas antes de morrer falou a cada membro da família. A Joseph, êle disse: "...Quero que você seja um rapaz bom e faça todo o possível para obter os Registros. Seja fiel ao receber as instruções e guarde todos os mandamentos que lhe foram dados. Seu irmão Alvin tem de deixá-lo; mas lembre-se do exemplo que êle lhe deu; e dê o mesmo exemplo aos irmãos mais novos, sendo sempre bom para papai e mamãe."

Joseph nunca mais se esqueceu da angústia que se avolumou em seu jovem peito e quase o aniquilou, ao morrer seu irmão mais velho — Alvin, que foi visitado por um anjo do Senhor em seus últimos momentos sôbre a terra.

**Joseph acreditava na justiça**

Joseph era um garôto alto, de cabelos louros e olhos azuis. Era bem humorado e calmo. Ainda muito jovem já dava mostras de ser solícito e obediente, de disposição gentil e afável. Possuía os princípios fundamentais do bom caráter, obediência, paciência, perseverança e coragem. Nunca consentia em demonstrar agressividade contra alguém; mas, apesar disso, quando via praticarem injustiça ou abuso contra os fracos e indefesos, estava pronto a lutar para proteger e defender os oprimidos. Certa vez, quando rapazinho, viu um homem chicotear a espôsa. Sua justa ira levou-o a agir. Mais tarde, aos 37 anos, êle se recordaria do incidente: "...O homem que espanca sua mulher é um covarde. Quando rapazinho, lutei certa vez com um homem que estava chicoteando a espôsa; isso me deu fôrças e eu o chicoteei até êle pedir clemência."

**"Que fazer para me salvar?"**

Joseph Smith era um jovem iletrado no que concerne à sabedoria do mundo. Mas recebeu sua instrução do Pai Celestial, de Jesus Cristo, do Espírito Santo e dos anjos, de forma que nenhum homem ou grupo possuía inteligência maior que a sua. "O maior evento que jamais ocorreu ao mundo desde a ressurreição do Filho de Deus da tumba e sua ascenção aos céus", disse o presidente Joseph F. Smith, "foi o aparecimento do Pai e do Filho ao menino Joseph Smith..." Devido aos ensinamentos religiosos que recebera no lar, o garôto era bem cônscio de suas relações com o Pai Celestial. Aos 14 anos ponderou muito sôbre estas questões: "Que farei para me salvar? Que Igreja pode-me oferecer salvação?" Após ouvir os pregadores da cidade, apanhou sua Bíblia e encontrou a chave para o esclarecimento dessas dúvidas. Êle leu:

**"Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida." (Tiago 1:5.)**

Joseph pôs a promessa a prova. Na manhã seguinte à leitura dessas promissoras palavras, retirou-se para um pequeno bosque onde já havia ido cortar lenha para sua mãe e lá, num cantinho oculto, orou e recebeu a gloriosa visão:

**"...vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia até cair sôbre mim... Quando a luz repousou sôbre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um Dêles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: "Êste é o Meu Filho Amado. Ouve-O." (Joseph Smith 2:16,17.)**

**Semelhante a Paulo**

Esta gloriosa mensagem tem alegrado a muitos, jovens e velhos, que a ficaram conhecendo a partir daquele momento. Anos mais tarde, em 1834, um garôto de 13 anos, Edward Stevenson, que morava em Pontiac, Michigan, ouviu o profeta Joseph Smith atestar, com a mão erguida:

**"Eu sou testemunha de que existe um Deus, pois o vi à luz do dia, enquanto orava num bosque silencioso, na primavera de 1820."**

Êsse menino de 13 anos de idade permaneceu sentado em arrebatamento. E comentou: "Como essas palavras emocionaram todo o meu ser e encheram-me de inenarrável alegria — contemplar alguém que, como Paulo, o apóstolo dos tempos antigos, podia testificar ousadamente que estivera na presença de Jesus Cristo."

Dessa gloriosa primeira visão todo o jovem pode tirar uma lição para sua orientação futura. Através dela aprendem que o anseio pela verdade pode abrir as portas à inspiração celestial; que uma oração sincera é sempre ouvida e respondida pelo Pai Eterno; que, quando recebem a verdade, devem estar prontos a batalhar contra as fôrças do mal e estar dispostos a pagar o preço com esfôrço, retidão e dedicação aos outros, na certeza de que Deus os abençoará com poder e capacidade de triunfar sôbre o adversário.



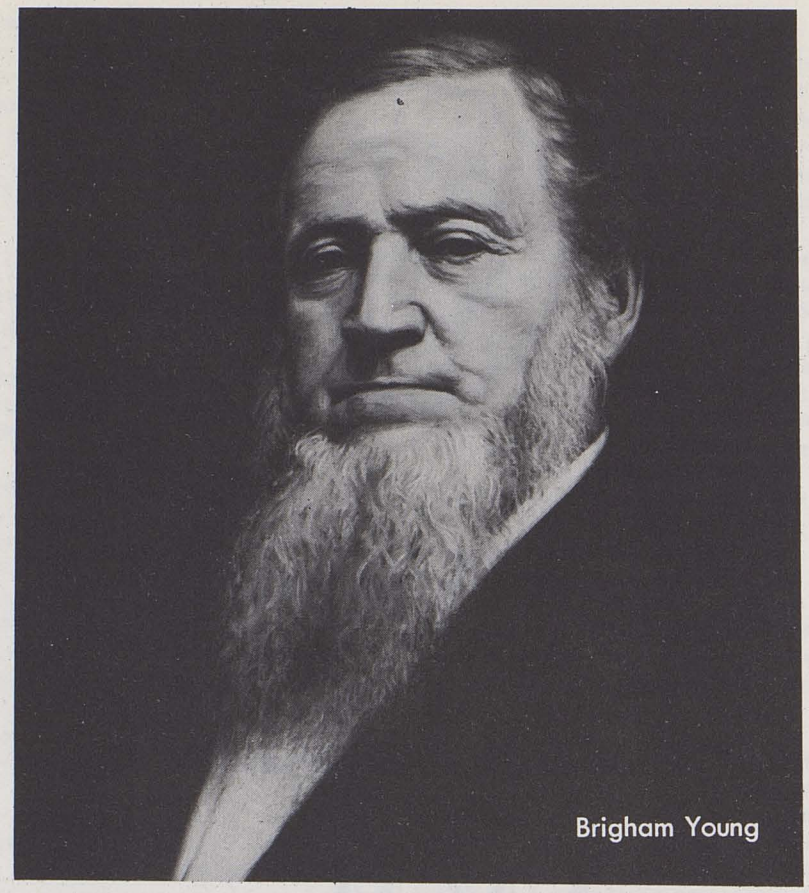

# "...E Assim Foi Organizada a A M M..."

A Associação de Melhoramentos Mútuos para Moças foi organizada no dia 28 de novembro de 1869, pelo Presidente Brigham Young, seguida, em 1875, pela organização da Associação de Melhoramentos Mútuos para Rapazes.

Após ser feita a oração familiar vespertina de todos os dias, a 28 de novembro de 1869, o presidente Brigham Young dirigiu-se a sua família, dizendo: "Tôda a Israel observa minha família e segue seu exemplo ...Por essa razão, desejo primeiro organizar a minha família numa sociedade, para a promoção de hábitos de ordem, frugalidade, trabalho e caridade; e, acima de tudo, desejo que se refreiem em sua extravagância no vestir, comer e mesmo no falar. Chegou a hora de as irmãs abandonarem suas tolices no trajar e cultivarem uma aparência modesta, um comportamento gentil, dando exemplo digno de ser seguido pelo povo do mundo. Nossas mulheres procuram se exceder umas às outras tôdas as tolas modas do mundo... Quero que vocês criem sua própria moda. Que seu vestuário seja limpo e gracioso, e produto de suas próprias mãos...

"Tenho de há muito a intenção de organizar as moças de Sião numa associação, para que possam ajudar os membros mais velhos da Igreja, seus pais e mães, a propagar, ensinar e praticar os princípios que há tanto tempo tenho estado a ensinar... Quero que nossas moças obtenham conhecimento pessoal do Evangelho. Por isso, desejo estabelecer esta organização e quero que minha família lidere êsse trabalho... Vamos organizar uma Associação de Contenção à qual quero que vocês tôdas se unam, e que apóiem a contenção no trajar, à mesa e no falar, se forem culpadas de conversas fúteis, extravagâncias e de leviandade de pensamento. Contenção em tudo o que é mau e indigno e progresso no que é bom e belo."

Uma bisneta do presidente Brigham Young diz ter ouvido dos lábios de sua avó um relato humorístico,, mas muito significativo. O presidente reforçou bem suas palavras, quanto a organizar uma Associação de Contenção. Dez filhas suas estavam nessa época exatamente em idade de namorar e dez rapagões vieram cortejá-las logo depois da reunião, num belo domingo de verão. Enquanto caíam as sombras da noite, uma das moças baixou a chama dos lampiões, para tornar mais romântica a atmosfera da sala para os que estavam cantando, folheando álbuns de recortes e lendo as escrituras. De repente, o presidente Brigham Young apareceu na porta da sala da Lion House. Trazia no braço uma linda pilha de dez chapéus escuros. Sem mais aquela, convidou os rapazes a se retirar e, após



Brigham Young

sua partida, reprovou amável mas firmemente as moças por seu procedimento. Elas não mais voltaram a diminuir a iluminação.

No ano de 1875, Brigham Young disse aos rapazes da Igreja: "Queremos que vocês se organizem em associações para melhoramento mútuo. Que a tônica de seu trabalho seja a criação, na juventude, de um testemunho individual da verdade e magnitude da grande obra dos últimos dias, para o desenvolvimento de seus talentos — que lhes foram conferios pela imposição das mãos dos servos de Deus — através do cultivo do conhecimento e aplicação dos eternos princípios da grande ciência da vida."

O nome Associação de Contenção para Senhoritas foi usado cada vez mais na forma abreviada de Senhoritas — **Young Ladies.** Mais tarde, em 1875, quando a Associação de Melhoramentos Mútuos para Rapazes foi organizada, e a fim de que as duas entidades fôssem reconhecidas mais fàcilmente como grupos da mesma natureza, o nome Associação de Contenção para Senhoritas foi trocado para Associação de Melhoramentos Mútuos para Senhoritas. Em 1924 a questão do nome da organização feminina foi novamente discutida pela junta geral, sugerindo-se que a expressão "senhoritas" fôsse trocada para "moças". Após muita ponderação, em 28 de março de 1934 o nome foi trocado para Associação de Melhoramentos Mútuos para Moças, oficializado em maio de 1934 pela aprovação da Primeira Presidência da Igreja.

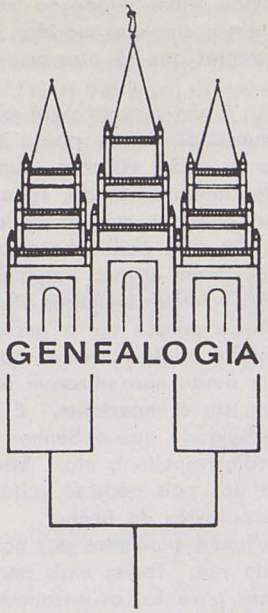
Já se afirmou que as AMM's para moças e rapazes são organizações únicas no gênero no mundo, pois trata-se de entidades separadas que são unas em propósito. Partilham de responsabilidades conjuntas, cuidando da recreação espiritualizada e das necessidades educativas dos jovens e, apesar disso, constituem organizações completamente distintas. Milhares e milhares de rapazes e moças, desde 1869 e 1875 têm recebido sua influência benéfica.

Os executivos da AMM que viajavam através do mundo, em conferências, têm a oportunidade de ver, estampado em bandeiras de diversos idiomas e impresso no coração dos jovens, o lema da organização... "A Glória de Deus é a Inteligência."

As côres da AMM são ouro e verde. O ouro representa a fôrça, a honra e o poder, ou as glórias que o jovem pode alcançar. O verde denota juventude, crescimento e progresso.

Junius F. Wells, primeiro superintendente geral da AMM dos rapazes, descreveu o significado das côres da organização com estas palavras:

"A juventude é a primavera da vida e a primavera está sempre gloriosamente verde e em desenvolvimento. Ouro é a côr da tocha do saber, como dourado é o sol. Verde e ouro são as côres da AMM. Elas representam juventude e desenvolvimento. Significam poder e glória. Pois a meta da AMM é acrescentar luz a luz, conhecimento a conhecimento, até que o grande poder e glória do porvir sejam alcançados pelos que atingem o pleno florescimento de sua inteligência."




# Os Prisioneiros Serão Libertados

Recentemente, lendo alguns sermões feitos por Autoridades Gerais da Igreja em anos anteriores, aconteceu encontrarmos êste, proferido por Marriner W. Merrill, membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Foi feito em 1895. Citamo-lo na forma com que foi editado.

"Tenho certeza de que além do véu há uma realidade igual a esta, e tenho também certeza de que os nossos parentes, que estão do outro lado, aguardam anciosamente nossas providências em benefício de sua salvação. Nossos missionários saem para longe, para muitas nações da terra, a fim de pregar o evangelho e reúnem algumas pessoas, "um de uma cidade, dois de uma geração," congregando-as na Igreja. Algumas delas aproveitam a oportunidade de trabalhar por seus mortos. Por vêzes penso que êste assunto não tem sido considerado tão sèriamente como deveria pelos santos dos últimos dias. Nosso presidente, o irmão Wildorf Woodruff, trabalhou durante muitos anos nos templos; fêz provàvelmente mais que qualquer outra pessoa da Igreja por seus ancestrais e outros mortos.

"Mas ainda não fizemos muita coisa, em comparação com o que deve ser feito. O profeta Joseph Smith, a quem o Senhor revelou inicialmente esta obra, preocupava-se muito com ela. E ressaltou sua importância para os santos, na última parte de seu ministério entre o povo. Sentiu que os membros deveriam interessar-se por esta obra e esforçar-se de todo o coração pelo bem-estar de seus antepassados mortos. Por isso, falou-lhes muitas vêzes a êsse respeito. Comentando que os santos tornar-se-iam salvadores em Monte Sião, o profeta disse a seus irmãos:

"Mas como tornar-se-ão salvadores em Monte Sião? Construindo seus templos, edificando fontes batismais e recebendo tôdas as ordenanças, batismos, confirmações, abluções, unções, ordenações e podêres seladores sôbre suas cabeças, em benefício de seus antepassados mortos; redimindo-os para que possam surgir na primeira ressurreição e ser exaltados em tronos de glória, juntamente com êles — esta é a cadeia que unirá os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, cumprindo a missão de Elias."

"O apóstolo disse que Êles sem nós não podem ser aperfeiçoados." (Hb 11:40). É necessário que o poder selador esteja em nossas mãos, para selar nossos filhos e nossos mortos. Os servos de Deus, que sucederam o profeta, conservaram o espírito da obra que foi começada por êle, na construção de templos, e uma fortuna foi despendida pelos santos dos últimos dias em sua edificação. Existe um objetivo em tudo isto e os santos devem meditar no propósito pelo qual os templos do Senhor são construídos. Se não tivéssemos edificado êsses templos, Deus nos teria rejeitado. Os membros de tôdas as partes da terra devem pensar sèriamente nisto.

"Queremos que nossos filhos sejam selados a nós; que nossas espôsas sejam seladas a nós, e as espôsas querem que seus maridos sejam selados a elas; devemos querer também que nossos parentes que já atravessaram o véu recebam as ministrações.

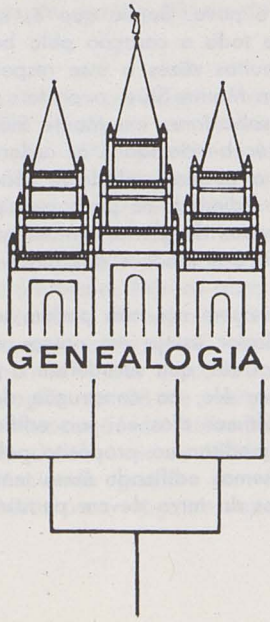
Mal começamos essa obra. É um assunto para o qual ainda devemos ser despertados. Você e eu morreremos dentro de pouco tempo; não sabemos quando. Não tenho certeza nem mesmo de poder voltar a ocupar êste púlpito. E vocês não podem, a menos que Deus lhes tenha revelado, saber se estas oportunidades que têm agora, de ministrar a seus parentes mortos, serão prolongadas para o futuro. E terão de encontrá-los algum dia, que pode não estar muito longe, do outro lado, e talvez lhes perguntem o que fizeram em seu benefício.

"Vocês fizeram algo por êles? Muitos membros ainda não fizeram nada. Apenas um número relativamente pequeno parece ter o necessário interêsse nesta obra; e eu me aventurarei a dizer que há muitas pessoas que contribuíram generosamente para a construção de templos e ainda não entraram nêles.

"Irmãos e irmãs, para mim isto é importante. E é importante para vocês também. Trata-se de uma responsabilidade que o Senhor colocou sôbre nós e seus servos cumpriram seus desígnios com respeito a ela. Estão ao seu alcance as oportunidades pelas quais o coração dos pais pode-se voltar aos filhos e o dos filhos a seus pais, em cumprimento das palavras do Senhor.

"Muitos de nós ainda não fomos batizados por nossos parentes e amigos, e êles são numerosos no outro lado do véu. Temos mais parentes e amigos do outro lado do que aqui. E, quando fôrmos para lá, os encontraremos. Algumas pessoas empregam tempo e meios em busca da genealogia de seus ancestrais, enquanto outros esperam que os registros venham a êles. O conselho que tenho dado aos santos com respeito a isso é: façam o trabalho pelos nomes que tiverem à mão. Oficiem por essas pessoas e depois, com humildade, procurem o Senhor, para que o caminho lhes seja aberto, a fim de obterem mais registros. O Senhor está trabalhando, hoje mais do que nunca, através de muitas pessoas do mundo, na preparação de registros e genealogias. Essas pessoas fazem as pesquisas e talvez nem saibam por que; mas o Senhor promove sua obra e muitos obterão seus registros através dêsses canais, se manifestarem o necessário interêsse. Naturalmente, é necessário um pouco de tempo e talvez um pouco de dinheiro para se conseguir isso. Mas estamos aqui para executar essa obra. O Senhor o requer de nossas mãos e é importante que demos a isso a devida consideração, não deixando nossa vida se esvair sem lançar mão das oportunidades que nos são apresentadas.

"Se há alguém que não consegue recomendação para ir ao templo, é por sua própria culpa. Eu aconselho todos os santos a fortalecerem-se e humilharem-se diante do Senhor, a arrependerem-se e voltarem-se para Êle, realizando esta obra que é requerida de nossas mãos. Seus antepassados estão aguardando ansiosamente que você faça isso. Não perca a oportunidade, mas busque com tôda a diligência realizar o possível na vida, em benefício dos seus ancestrais. Nossa passagem por aqui é muito breve; apenas alguns anos e a vida se vai. Daqui a cem anos, provàvelmente não haverá nenhum de nós, mas todos teremos partido. Portanto aproveitem, meus irmãos e irmãs, a oportunidade de ministrar a seus ancestrais na Casa do Senhor."





**O aparecimento nos Manuscritos do Mar Morto de uma história semelhante à de Moroni e coincidente do "dilaceramento da túnica" é outra marca da autenticidade do Livro de Mórmon, na opinião do autor. Mas demonstra também a influência da cultura persa — e de Zoroastro — sôbre Lehi e seus contemporâneos judeus.**

# A Partir de Cumorah

## Novas Vozes do Pó

**Hugh Nibley**

### XXIII - Zoroastro e o Livro de Mórmon

Da longa discussão sôbre Isaías depreendemos o que a ainda mais longa controvérsia sôbre Homero nos ensinou, que uma vez tendo-se questionado a unidade de qualquer composição literária, não se pode garantir a integridade de nenhuma de suas partes componentes. Estamos também percebendo que as diferenças e semelhanças entre textos não provam necessàriamente autoria independente ou comum; o prof. Gordon apresentou extensa demonstração de que uma mudança de ritmo, clima, assunto ou mesmo dialeto num escrito antigo não denota forçosamente mudança de autoria. Nem, por outro lado, uma "extraordinária semelhança" entre passagens pode provar origem comum.[20] Além do mais, precisamente Deutero-Isaías foi escrito em linguagem que "freqüentemente significa muitas coisas a um tempo, que oscila e flutua no tempo e no espaço; assim sendo, qualquer tentativa de identificar històricamente aquilo a que êle se refere "fica estritamente confinado a um critério subjetivo."[21]

As esperanças de se conseguir uma interpretação objetiva do assunto concentram-se hoje no estudo das afinidades iranianas de Isaías. Uma vez que o domínio persa só ocorreu no fim do cativeiro babilônico, presume-se que os traços da influência dessa cultura em Isaías requeiram a datação de algumas partes do livro em período muito posterior ao da vida do profeta. Entretanto, neste ponto nos embrenhamos de nôvo em complicações. D. Winston publicou recentemente uma extensa pesquisa sôbre o elemento iraniano na Bíblia, na Apócrifa e em Qumran — "The Iranian Component in the Bible, Apocrypha and Qumran" — e demonstrou que êle efetivamente existe e em quantidade bastante significativa. Anos atrás já chamávamos a atenção para traços de influência iraniana no Livro de Mórmon e, se ainda nos sentimos incapazes em não poder explicá-los, os estudiosos não estão menos perplexos com a existência dêsses elemento na Bíblia; atualmente "os pesquisadores acham-se mais divididos que nunca no que diz respeito à extensão da influência iraniana na literatura judaica."[22]

O problema principal é determinar o que é e o que não é distintamente iraniano. Ensinamentos encontrados tanto nos antigos escritos persas como na apócrifa e nas escrituras judaicas encerram conceitos de um conselho nos céus no tempo da criação, de uma divisão de opiniões e rebelião, um plano de provação para o homem sôbre a terra, um período de duração do mundo de 7000 anos, a divisão da história em doze períodos, a ressurreição do corpo etc. Nessas coisas "o zoroastrianismo alia-se à religião judaica, em contraposição ao conceito hindú e gnóstico". Além disso, doutrinas do tipo da do "dualismo, nos Manuscritos do Mar Morto, pertencem à linha iraniana, ao invés de à grega ou gnóstica." Evidentemente existe aqui uma genuína afinidade.[23]

Mas ao mesmo tempo os judeus partilham êsses conceitos com outros vizinhos, mais próximos dos persas, capazes de produzir de fontes escritas muito mais antigas que as dos iranianos.[24] Na verdade, como indica agora Westphal-Hellbusch, o Iran serviu com mais freqüência como centro de intercâmbio de ensinamentos mais antigos do que como local de origem, de forma que o que passa por "doutrina iraniana" pode bem ser "uma fusão de ensinamentos persas e babilônicos."[25] Assim sendo, se Isaías 44-45 "demonstra semelhança muito grande com o chamado Cilindro de Ciro... já se sugeriu que ambos sejam baseados no estilo das "Inscrições da Côrte Babilônica."[26] E, se os mesmos dois capítulos de Isaías sugerem antigos ensinamentos iranianos a respeito da criação, êsses conceitos podem ser encontrados em data muito anterior e bem mais próximos de Israel, na teologia menfita do Egito — e o uso de simbolismo e conceitos egípcios em Isaías é de há muito reconhecido.[27]

A questão da prioridade iraniana na Bíblia deve aguardar o aparecimento de algum meio de datação das tradições iranianas, que no momento apresentam "dificuldades cronológicas insuperáveis".[28] Já que, como se observou, o aparecimento do nome de Ciro no Livro de Isaías nem mesmo serve para datar o verso em que está registrado, indicações mais subjetivas de uma atmosfera persa — tais como a discutida questão que cuida se os

capítulos 40-48 foram escritos antes do Édito de Ciro e 49-55 após, ou se foram todos escritos ao mesmo tempo — não poderão resolver coisa alguma.[29]

Outras dúvidas sôbre quão iranianos são os elementos da literatura judaica considerados iranianos são suscitadas pelo fato de alguns ensinamentos persas encontrarem paralelo em ensinos judaicos que são evidentemente mais antigos e "verdadeiramente inerentes à literatura judaica."[30] Não devemos esquecer, como nos lembra J. B. Bauer, que boa parte do material dos antigos escritos apócrifos é "mais antiga que os próprios livros."[31] Na verdade, é igualmente possível que os persas, com sua reconhecida receptividade a idéias e religiões de outros povos, tenham emprestado êsses conceitos aos judeus, em processo inverso. Assim sendo, o simbolismo da contraposição da luz às trevas, que ocorre constantemente nos velhos textos judaicos, inclusive nos Manuscritos do Mar Morto, não aparece nos antigos escritos persas, mas surge mais tarde em ensinamentos iranianos heréticos, òbviamente emprestados de algum outro lugar.[32]

Já o Livro de Mórmon contém uma história que é muito mais persa que qualquer elemento encontrado em Isaías. A lenda de Kawe — que se tornou fundador da monarquia e sacerdócio persa, quando colocou sua túnica sôbre um mastro e saiu pelo país sublevando o povo, para lutar pela liberdade e depor o traidor e falso usurpador do trono — é em detalhes a história de Moroni e Amaliquiah e é muito mais antiga que Lehi ou Isaías.[33] E, mais, neste episódio particular do Livro de Mórmon, Moroni está consciente e deliberadamente seguindo os moldes de um antigo ritual. Em um só capítulo, Alma 46, encontramos diversas tradições e práticas antigas **não** mencionadas na Bíblia, mas mantidas ou analisadas por Moroni em plena consciência de sua antigüidade. A maioria delas podem agora ser fàcilmente compreendidas à luz do assim chamado Manuscrito da Batalha (IQM) dos Manuscritos do Mar Morto. Como já se examinou grande parte delas em outros capítulos, mencioná-las-emos apenas brevemente aqui:

1. Moroni rasga sua túnica e escreve numa tira dela um lema altissonante, prendendo-a depois à extremidade de um mastro, como uma bandeira. Êsses lemas e estandartes nos aparecem agora no IQM, Seções 5-7.

2. Antes da batalha, "quando elevou sua alma a Deus", Moroni "deu o nome de país escolhido... a tôda a zona situada ao sul do país de Desolação... e tôda a terra, tanto ao norte como ao sul..." (Al. 46:17.) Quer interpretemos isto como Moroni tendo denominado a terra do inimigo Desolação e o resto "escolhida", ou que êle tenha dado nome à "terra escolhida", deixando que o resto conservasse seu título nefasto, o fato é que encontramos aqui a prática, agora atestada pelo Manuscrito da Batalha, de abençoar formalmente as hostes de Israel e amaldiçoar a terra do inimigo antes da batalha.[34]

3. No verso seguinte Moroni refere-se a seu povo como "despresados" e muitas vêzes os designa como os "pobres." Isto também é condizente com prática do Velho Mundo, conforme demonstrado no IQM.[35]

4. O povo, armando-se, corre para o estandarte, "rasgando suas roupas em sinal ou convênio". Note-se a ênfase dada ao simbolismo do que se passava; a realização dêste convênio envolvia o ato de rasgar os vestidos e chamar sôbre si uma maldição se jamais o quebrassem: "...Êle pode arrojar-se aos pés de nossos inimigos, assim como atiramos nossas roupas a teus pés, para sermos pisados, caso caiamos em transgressão." (Al. 46:22.)

Em estudo recente, J. Z. Smith analisa sob o título de "Treading upon the Garments" (Pisamento dos Vestidos) um ritual muito antigo, cuja existência é atestada pelos recém-descobertos textos cristãos coptas, no qual uma pessoa, após tornar-se membro da Igreja, arrancava seus vestidos e pisava sôbre êles, "em sinal" de haver abandonado o velho modo de vida, para calcar o pecado sob os pés e especialmente "referindo-se às maldições que recairiam sôbre o transgressor".[36] Até há pouco tempo sua origem era atribuída a fontes helenísticas, mas agora parece, pelos documentos recém-descobertos, que se trata de um rito muito antigo, originário dos judeus, "provàvelmente remontando à exegese judaica de Gênesis 3:21..."[37] Tem tôdas as marcas de arcaismo e exibe aquela mescla peculiar de ritual e vida real que a princípio tornou tão difícil a compreensão do Manuscrito da Batalha e que se estampa tão distintamente em alguns dos eventos históricos do Livro de Mórmon.[38]

5. Moroni chama a atenção do povo para uma conhecida tradição existente em seus livros, a respeito das duas partes do manto de José e como Jacó reagiu com relação a elas. (Al. 46:23-27.) Fato notável sôbre esta história — que deveria ser conhecida de cór pelo povo — é que apesar de se encontrar traços definidos ou simples indicações dela na Apócrifa, sua única versão inteligível que possuímos acha-se no material que Tha'labi, o grande estudioso persa, recolheu entre judeus que viviam no Iran, na Idade Média.[39] Naturalmente, não sabemos há quanto tempo êsses judeus ou seus ancestrais estavam vivendo na Pérsia — o fato de estarem lá pode ter sido mera coincidência. Mas temos aqui uma indicação evidente de que os autores do Livro de Mórmon tinham acesso a registros atualmente perdidos e não há motivo pelo qual a história de Kawe não pudesse estar também entre êles.

Mas por que Moroni seguiria uma prática pagã? Esta questão é exatamente a mesma que intriga os estudiosos das Escrituras e dos Manuscritos. Como interpretaríamos uma "penetração iraniana em Qumran", entre os mais estritos dos sectários judeus, empenhados em praticar a Lei em sua pureza? Como sucederia que antigos apócrifos judaicos estivessem "saturados de material iraniano"?[40]

A freqüente associação de patriarcas e profetas do Velho Testamento em Zoroastro em fontes judaicas e, depois delas, nas cristãs, se bem que muito difícil de se datar, demonstra pelo menos que os judeus não tinham antipatia pelo profeta persa (que seria possìvelmente contemporâneo de Lehi).[41] Apesar de, como observa Winston, "a identificação judaica de Zoroastro em si mesma em nada ajuda na nossa tentativa de determinar a extensão da interpretação iraniano-judaica,"[42] sugere que ao tempo de Lehi havia relações amistosas entre os dois povos. Se a imagem original de Zoroastro fôsse desfavorável ,teria permanecido assim tradicionalmente; logo, a primeira impressão judaica de Zoroastro foi favorável. E isto não poderia suceder se essa imagem tivesse vindo aos judeus como a de um profeta estranho, de um povo estranho. As melhores imagens iranianas entre os judeus pertencem ao período de Zoroastro, muito antes dos dias de Ciro; elas remontam ao tempo de Lehi e assim deixam sua marca no Livro de Mórmon. Tal é pelo menos nossa suposição de amador. (Continua)

NOTAS

20. C. Gordon, *Ugaritic Handbook* (Roma: Instituto Pontifício, 1947), págs. 6-7.
21. Eissfeldt, *op. cit.*, pág. 453. H. Frey vê em Isaías 40-55 "uma visão de tipo semelhante à do Apocalipse de São João, ultrapassando qualquer fronteira de espaço e tempo"; vide a exposição de G. Fohrer, "Zehn Jahre Literatur Zur Alt-testamentlichen Prophetie" (1951-1960), em *Theologische Rundschau*, N. F. 28 (1962/3), págs. 239 ff.
22. D. Winston, "The Iranian Component in the Bible, Apocrypha, and Qumran: O Review of the Evidence," *History of Religions*, 5 (1966), pág. 186. Nossas observações encontram-se em *An Approach to the Book of Mormon* (Salt Lake City: Deseret News Press, 1957), págs. 175-7.
23. Winston, *op. cit.*, págs. 195-7, 200, 205, 212.
24. Referêncais na nota 19.
25. S. Westphal-Hellbusch, em *Sumer*, 12 (1956), pág. 66. A citação é de Winston, *op cit.*, pág. 207.
26. Winston, *op. cit.*, pág. 188.
27. Hugh Nibley, em *BYU Studies*, 7, págs. 3-6. Conquanto os assiriólogos (de acôrdo com Widengren) de hoje dêem certos epítetos reais em Isaías como originários de fontes mesopotâmicas de ritual, os egiptólogos (Como Morenz) atribuem êsses mesmos títulos ao culto egípcio; ambos são mais antigos que os persas, G. Fohrer, *op. cit.*, pág. 72.
28. Winston, *op. cit.*, pág. 211.
29. Eissfeldt, op. cit., pág. 447. E. Jenni, "Die Rolle des Kyros bei Deuterojesaja," *Theologische Zeitschrift*, 10 (1954), págs. 241-256, salienta que Ciro é um estereótipo representando o arauto da salvação na antiga literatura. Êsses estereótipos eram ràpidamente substituídos por outros; assim, também, os profetas messiânicos relacionados em 3 Ne. 10:15-17 são típicos estereótipos da mesma idéia, a despeito da época em que viveram. Um escriba posterior não hesitaria em colocar o nome de Ciro em lugar do de algum antigo libertador que fôsse menos familiar a êle e a seus ouvintes. O nome de Ciro *não* aparece no Livro de Mórmon.
30. Winston, *op. cit.*, pág. 202.
31. J. B. Bauer, em *Theologische Zeitschrift*, 20 (1964), pág. 7.
32. Winston, *op. cit.*, pág. 202.
33. *An Approach to the Book of Mormon*, págs. 175-7.
34. Y. Yadin, *The Scroll of the War of the Sons of Light*... (Oxford, 1962), págs. 15, 215, 223-5; e IQM, seções 17-19.
35. *Ibid.*, págs. 311-f, 323.
36. J. Z. Smith, "The Garments of Shame", em *History of Religions*, 5 (1966), págs. 224-233. Citação da pág. 229.
37. *Ibid.*, pág. 230-233. Tem referência especial à túnica de pele de Adão.
38. Vide nossa exposição "Old World Ritual in the New World," capítulo 23 of *An Approach to the Book of Mormon*.
39. *Ibid.*, págs. 186-9, incluindo tradução e análise.
40. Winston, *op. cit.*, pág. 198.
41. *Ibid.*, págs. 213-5. Sôbre Zoroastro como contemporâneo de Lehi, vide *An Approach to the Book of Mormon*, págs. 42 f.
42. Winston, pág. 216.

# Missionários Sul-Americanos na Itália



FLORENÇA (Itália) — A foto, tomada logo após a primeira Conferência Anual da recém-criada Missão Italiana, mostra quatro dos primeiros missionários chamados a pregar na terra de Dante, todos provenientes da América do Sul.

Da esquerda para a direita, élderes: Luiz Lombardi, de São Paulo; Heber Nelson Noda, de Montevidéu; Eduardo Ferrari, de Mar del Plata; e Francisco Guillermo Rial, de Montevidéu.

Os quatro são provenientes de países onde foram organizadas as primeiras Estacas de Sião na América do Sul. Os élderes Rial e Noda são da Estaca Montevidéu, uma das mais novas entre as 448 atualmente existentes em todo o mundo.

Os jovens pregadores que estão levando a boa nova da Restauração, fazem parte de um grupo de 149 missionários em solo italiano. Nesse grupo estão representadas onze diferentes países: Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e Uruguai.

# Salvação a Despeito de Obras

**Presidente Lloyd R. Hicken**

da Missão Brasileira

Na nossa infância ouvíamos em contos de fadas sôbre as aventuras e dificuldades encontradas por personagens cheios de colorido. Repentinamente, os problemas eram resolvidos e o herói e a heroína casavam-se e viviam felizes para sempre. Algumas crianças, ao amadurecerem e tornarem-se adultas, persistem em viver num mundo de sonho e de fantasia, pensando que o que sonham e desejam tornar-se-á realidade pelo simples fato de assim desejarem que aconteça.

Desafortunadamente, muitas pessoas que se dizem cristãs, vivem em um mundo de sonhos e fantasias, no que diz respeito à religião. São levados a pensar que, se apenas crerem em Jesus Cristo e confessarem o seu nome, independentemente do que tenham feito ou do que venham a fazer, serão salvos na presença de Deus. Freqüentam a igreja todos os domingos ou, pelo menos, ocasionalmente; ouvem um entusiástico sermão e vão-se embora, achando que pelo fato de terem querido ouvir uma pregação sôbre Deus, tornaram-se por isso, justos e aceitáveis a Êle.

Durante a minha primeira missão no Brasil, há vinte e oito anos, em Ribeirão Prêto, compareci à uma reunião religiosa de um famoso pregador evangélico pertencente a uma destacada seita protestante. Pronunciou um comovente sermão e conclamou os presentes a virem a Cristo, a fim de serem salvos; era necessário apenas vir à frente, ajoelhar-se, confessar o nome de Cristo e a salvação estava assegurada. Para assegurar o atendimento ao seu chamado, prometeu que uma vez que se é salvo, não mais se pode deixar de o ser. Dúzias de pessoas vieram à frente, ajoelharam-se e disseram: "Confesso a Jesus Cristo como meu Salvador," e sairam da reunião despreocupadas quanto ao curso das suas vidas, porque estavam salvas, a despeito dos seus atos futuros. Não havia qualquer preocupação maior sôbre a necessidade de devoção, auto-domínio, trabalho ou sacrifício.

É quase inconcebível que o homem possa torcer de tal forma as suas idéias sôbre algo tão importante quanto a salvação da sua alma, quando tôda a experiência mortal demonstra que coisas tão importantes quanto o caráter, a habilidade e o conhecimento, sòmente se adquirem mediante árduo trabalho, sacrifício e paciente persistência.

Numa carta geral à Igreja, escreveu o antigo apóstolo Tiago: "Pelo que, rejeitando tôda a imundícia e superfluidade da malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar as vossas almas. E sêde cumpridores da palavra, e não sòmente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos." (Tg 1:21-22)

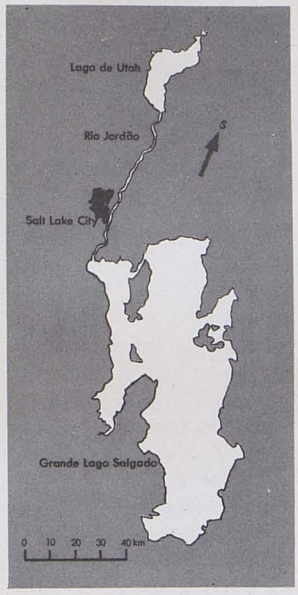
Nas conclusivas palavras do Sermão da Montanha, disse o Salvador: "E, por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que digo?" (Lc 6:46) A seguir, o Senhor prosseguiu, pronunciando uma parábola para salientar o que queria dizer: "Qualquer que vem a mim e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante ao homem que edificou uma casa e cavou, e abriu fundo e pôs os alicerces sôbre rocha: e veio a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa, e não a pôde abalar, porque estava fundada sôbre rocha. Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sôbre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruina daquela casa." (Lc 6:47-49)

Numa revelação sôbre os seus divinos propósitos com respeito à vida do homem nesta terra, disse o Senhor a Abraão: "Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos dêstes materiais e faremos uma terra onde êstes possam morar, e prová-los-emos com isto para ver se êles farão tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar." (Abraão 3:24-25)

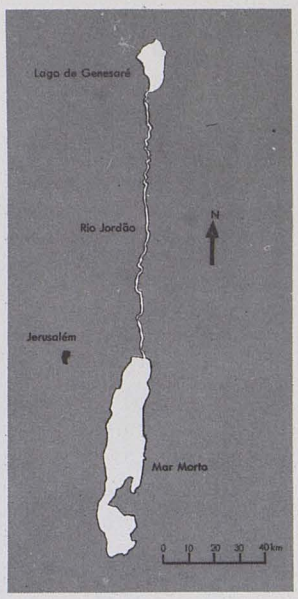
Ninguém pode negar que a vida nesta terra seja uma grande provação, mas que deva ser uma grande prova final para verificar se o homem é capaz de viver tôda a palavra provinda de Deus, poucos podem reconhecer Contudo, isso torna-se um problema real e desafiador para todos os santos dos últimos dias, porque têm os olhos abertos para os desígnios de Deus.

O apóstolo Tiago pronunciou-se com ênfase sôbre o grande cuidado e ansiedade que o membro deve ter em viver a Lei na sua íntegra. Disse a todos os santos: "Porque qualquer que guardar tôda a lei e tropeçar num só ponto, tornou-se culpado de todos." (Tg 2:10) Poderia ter dito: "é como se fôsse culpado de todos." Desobedecer um dos mandamentos dados pelo Senhor é desafiá-lo nesse mandamento. Com efeito, dizemos que êsse mandamento não é tão importante, aos nossos olhos, que justifique o esfôrço para cumprí-lo. Devemos lembrar, novamente, a palavra do Senhor: "...e prová-los-emos com isto para ver se êles **farão tôdas as coisas** que o Senhor seu Deus lhe mandar."

Resumindo êste assunto, examinemos as palavras de Tiago: "Mas dirá alguém: tu tens a fé e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Tu crês que há um só Deus: fazes bem: também os demônios o crêem, e estremecem. Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem obras é morta? Porque assim como o corpo sem o espírito é morto, assim a fé sem obras é também morta." (Tg 2:18-20,26)




# Prodígios em Israel




**F. Máximo**

O popular refrão que diz que a história se repete, no caso de Israel pode ser completado dizendo-se que também a geografia se repete. Algum tempo atrás, uma renomada revista especializada em assuntos geográficos publicou interessante artigo ilustrado, correlacionando extraordinárias similaridades topográficas entre a Palestina e o Estado norte-americano de Utah.

Uma daquelas curiosas semelhanças é a maneira como dois rios, o Jordão palestino e o norte-americano, formam até mesmo paisagens semelhantes ao deixarem lagos de água dôce, os lagos de Genezaré e de Utah, para, após terem percorrido quase a mesma extensão, desaguarem nos dois mais notáveis mares mortos do mundo: O Mar Morto e o Grande Lago Salgado, os quais tem pràticamente a mesma concentração salina. Talvez, as únicas disparidades entre ambas as regiões sejam as diferenças de posição geográfica e de altitude.

Mas não é sòmente quanto às suas características geográficas que estas regiões se assemelham. Do ponto de vista histórico as semelhanças são também marcantes, pela maneira como o povo eleito de Deus veio a ocupar ambas as regiões.

As duas únicas migrações de grande porte, empreendidas por motivação religiosa, que a história registra são o Êxodo dos filhos de Israel, no século XV a.C., e o Êxodo dos Pioneiros Mórmons, de Nauvoo, em meados do século passado. Ambos os povos sofriam amargas tribulações quando o Senhor lhes suscitou um profeta: Ao Israel antigo, Moisés; ao Israel moderno, Brigham Young. Com mão forte foram guiados através do deserto, rumo a uma terra desconhecida onde, segundo a promessa profética, haveriam de prosperar e tornarem-se fortes.

Ambos os povos levaram consigo suas instituições e bens, suas práticas religiosas e seu grande temor a Deus, e por sinais e grandes prodígios, o Todo-Poderoso manifestava a sua gloriosa presença no meio da congregação.

Para mencionarmos apenas um dêsses grandes prodígios operados entre o povo do convênio, lembremo-nos de como o Senhor acudiu o povo no deserto quando êste murmurou contra Moisés e Aarão, porque passava fome, e fartou-os enviando-lhes codornizes e maná, como está escrito: "E aconteceu que à tarde subiram codornizes, e cobriram o arraial..." (Ex 16:13)

Achamos desnecessário qualquer esfôrço para reconhecer nesse miraculoso evento uma notável semelhança com o evento que se deu em 1846, quando os santos, acampados defronte Nauvoo, passando grandes provações por causa da extrema perseguição que sobreviera à Igreja naqueles dias, aguardavam a providência divina:

"Em 9 de outubro, enquanto as nossas turmas aguardavam às margens do Rio Mississippi pelos pobres santos, ...privados do necessário à sua subsistência,... e sem nada com o que iniciarem sua jornada, o Senhor enviou bandos de codornizes que cobriram suas carroças e mesas vazias, e o chão ao seu alcance, as quais os santos, até mesmo os doentes, puderam apanhar com suas próprias mãos até fartarem-se." (*History of Brigham Young*, Ms., II, p. 382-3, *apud* nota *in* B. H. Roberts: *A Compreensive History of the Church*, III, p. 135-6).

É comum entre as pessoas informadas dar-se por eventos naturais prodígios como êsses. Na verdade, os pássaros que migram para os Balcãs, entre êles codornas, costumam cair exaustos às margens do Mar Vermelho, onde os beduinos os apanham com as mãos. Há mesmo antigas pinturas egípcias que mostram homens apanhando codornas. Também, naquela região do Mississippi as codornas não são pássaros incomuns. O que é de relevante importância, entretanto, é que no caso do Êxodo israelita, o Senhor alimentou, contando-se apenas os homens que puxavam da espada, 600.000, e o povo errou quarenta anos no deserto; e no caso do Êxodo mórmon, foi enorme a quantidade de pássaros cansados de voar que cairam sôbre uma extensão de mais de sessenta quilômetros ao longo da margem do rio, e o que é mais notável, justamente numa hora de extrema necessidade, quando o povo, ambos vítimas de perseguição cruel, esperava que o Senhor desnudasse o seu braço, nisso não se fazendo esperar, mas mostrando prodígios em Israel.

*

Richard L. Evans

# A Palavra Proferida

## Nascer ou Ressuscitar?

Aqui estamos nós num planêta suspenso no espaço — um belo e maravilhoso planêta, com auroras e poentes, tempo de plantio e colheita, estações mutáveis; com tudo o que cresce e se move; com o homem e sua mente perquiridora, dotada da capacidade de aprender; com o amor dos sêres queridos; e em tudo a evidência e planejamento da Divina Providência. Será isto natural ou sobrenatural?

Como teriam começado a existir as coisas e as pessoas? Quando terá sido o princípio de tudo? A clássica pergunta é: Quem formou o mundo? Quem o organizou — e o mantém em seu curso? Vê? Vivemos em meio a milagres. Vêmo-los a cada lado. A primeira flor da primavera é um milagre; o primeiro brôto que irrompe do torpor da terra. O nascimento em si é um milagre — o extraordinário, o solene milagre do recém-nascido, com mãos que se estendem, olhos que vêem, ouvidos que ouvem e inteligência que reage à verdade. O fato de que vivemos, existimos, de que pensamos, aprendemos e amamos — tudo isto é um milagre e um mistério. Quem deu instinto aos animais? Quem deu ao corpo sabedoria para se curar? Quem deu a duas células a inteligência de juntar-se e dividir-se, de se tornar um ôlho ou um dente, ou os cabelos da cabeça? Natural ou sobrenatural? Recordamos a pergunta de Pascal: "Que é mais difícil, nascer ou ressuscitar?"[1] Naturalmente, a imortalidade não é mais miraculosa que a mortalidade. E o Senhor Deus, que nos deu esta vida, pode dar-nos também vida eterna. Para o crente há a bênção da fé e mesmo do conhecimento que ultrapassa a fé. E para os que procuram e pesquisam, para os que sofrem, os que temem e sentem-se frustrados, para os que conjeturam e os que se fatigam na jornada, esta é a certeza, esta é a garantia de nosso Salvador: de que por nós e em benefício de todos os homens Êle se levantou da morte para a vida; e nos redimiu a todos da morte. Como Jó, podemos testemunhar com a segurança da certeza: "...eu sei que meu Redentor vive." Você, que ama a vida, e você, que perdeu aquêles a quem ama, que isto lhe sirva de confôrto. Acolham esta certeza no coração, hoje — e para sempre.

*

"A Palavra Proferida" da Praça do Templo
apresentada pela KSL e pela CBS em 19 de março de 1967
Copyright 1967

1. Blaise Pascal, *Pensées, XXIV.*